

## EQUIPAS DE NOSSA SENHORA

*Tema de estudo para o ano de preparação para o Encontro Internacional de Lurdes 23006*

### ***“Quem dizem os homens que Eu sou”***

*Mc 8,27*

#### ***À descoberta de Cristo***



### **APRESENTAÇÃO DO TEMA DE ESTUDO**

Porquê escolher esta página do Evangelho para um tema de estudo que deverá, este ano, conduzir-nos, pouco a pouco, ao nosso próximo Encontro Internacional? Os motivos desta escolha são vários; talvez cada um de vós pudesse encontrar outros. Mas, entre todos, o mais determinante é este: a vossa época exige de nós uma tomada de consciência da fé à qual não podemos nem devemos fugir, se queremos viver plenamente a nossa identidade de seres humanos, de crentes, de membros de uma equipa.

De facto, o homem de hoje, e mais, o crente é chamado a uma autenticidade profunda; é chamado a dar conta da sua fé; e para isso, tem de chegar a ter plena consciência dela. O próprio Jesus faz apelo à nossa inteligência da fé, à nossa procura crítica de crentes adultos; é Jesus que nos exorta a uma atitude de escuta, de procura, de troca, de diálogo; é o próprio Jesus que nos interroga para nos fazer compreender que só uma fé capaz de se interrogar sobre si própria pode acolher, escutar, reconhecer a Palavra de Deus e as palavras dos homens. Conhecimento e vitalidade serão os frutos do nosso aprofundamento e o fim do nosso caminho.

Jesus pergunta aos discípulos: “Quem dizem os homens que Eu sou?” Os discípulos parecem não compreender bem o sentido da pergunta. Jesus insiste: “Para vós quem sou Eu?”. A resposta é simples e clara: “Tu és o Messias”. E, no entanto, esta pergunta mais de vinte séculos depois desse dia, permanece actual e viva para cada um de nós; é a pergunta que atravessa a história humana e a história de cada homem que se diz crente. Responder “Tu és o Messias” não basta, porque a nossa resposta exige a conversão da nossa vida e seguir realmente Cristo. É por isso que, antes de pronunciar a nossa resposta pessoal de homens e mulheres de fé – “Tu és o Cristo, o Filho de Deus” – é preciso uma tomada de consciência que nos leve a renovar com plena lucidez o nosso acto de fé.

Assim a finalidade deste tema de estudo é propor uma tentativa de reflexão e de oração, partindo de uma pergunta mais pessoal: quem sou “eu”; o que procuro na minha vida? O que é que eu penso, o que digo, o que faço para dar um sentido à minha vida e para dar consistência à minha fé? E isto deve permitir-nos finalmente poder compreender com toda a lucidez a pergunta que

Cristo nos faz: “Quem dizem vocês que Eu sou?” e responder com toda a clareza: *“Tu és o Eterno, Tu és o meu Pastor, nada me falta. Fazes-me repousar em verdes prados. Conduzes-me às águas refrescantes e consolas a minha alma; guias-me por caminhos de justiça porque és Cristo, o Filho de Deus”* (cf. Sl 23/22-1-3).

## COMO SE ARTICULA O NOSSO TEMA DE ESTUDO?

A nossa passagem do Evangelho comporta três frases-chave que constituirão o enquadramento do nosso trabalho. São duas questões e uma resposta, todas muito claras, nítidas, essenciais e, ao mesmo tempo, radicais:

### **Quem dizem os homens que Eu sou?**

É uma questão de actualidade que Jesus nos põe hoje também. Quem é Jesus para a maior parte das pessoas do mundo de hoje?...Muitos O conhecem. Para outros é unicamente uma personagem histórica. Para a grande maioria não tem interesse.

### **Para vós quem sou Eu?**

É a pergunta que Jesus faz a todos os baptizados, isto é, àqueles que formalmente o aceitaram como Cristo. Mas, entre eles há também várias categorias: a) os indiferentes – os que não têm consciência da importância da salvação (uma grande maioria); b) os ritualistas – os que se prendem aos ritos e que têm às vezes abordagens religiosas de tipo mágico e até supersticioso (religiosidade popular); c) os empenhados: são os cristãos bem conscientes da salvação do mundo, trazida por Cristo e que têm com Ele uma relação pessoal.

### **Tu és o Cristo, o Filho de Deus.**

Foi a resposta de Pedro. O que vos propomos neste tema de estudo é chegar a uma reflexão pessoal, para descobrir quem é Cristo para nós. Mas é preciso não esquecer a resposta de Cristo a Pedro, que está no texto de Mateus: *“És feliz, Simão, filho de Jonas, porque esta revelação, não foi o sangue nem a carne que te deram, mas o meu Pai que está nos céus”* (Mt 16,17). Por isso queremos encorajar-vos a intensificar a vossa oração durante este ano de preparação para o Encontro em Lurdes, pedindo ao Pai por Jesus Cristo e pela intercessão de Maria, que vos revele *“qual a Largura, o Comprimento, a Altura e a Profundidade...do amor de Cristo que ultrapassa todo o conhecimento, para que sejas repletos, até receberdes a Plenitude de Deus”* (Ef 3,18-19).

Durante as três primeiras reuniões vamos desenvolver e aprofundar o alcance da dúvida, da ansiedade e da busca de um sentido para a vida de qualquer homem e que abrange a humanidade inteira: mesmo aquele que escolhe a fé pode conhecer, ao mesmo tempo, a dúvida e a procura de sentido. A pergunta de Jesus, dirigimo-la a nós próprios: “quem sou eu”, “o que procuro?”, “o que desejo?”, “para onde caminho?”, “que ser humano quero eu ser?”.

A quarta reunião ajuda-nos a compreender como o meu “eu”, a minha identidade de ser humano me é dada e querida por Deus, porque “o meu nome está escrito desde sempre no céu” (cf. Lc 10,20; Hb 12-23). Eu não posso separar o que sou como homem do que sou como criatura de Deus: faço parte integrante do projecto de Jesus para toda a criação.

As três últimas reuniões, enfim, devem levar-nos, pela tomada de consciência progressiva da nossa vocação pessoal e conjugal, a ser homens e mulheres crentes e – em particular como equipas e membros de equipa – ao serviço da igreja e do mundo de forma determinada e consciente.

Estamos diante de uma página do Evangelho que nos parece, a nós homens do terceiro milénio, de uma forte actualidade, porque é uma página que se dirige a nós, na 1ª pessoa, para que demos uma resposta clara sobre o sentido da nossa vida e da nossa fé. Quem nos questiona é o

próprio Cristo: diante dele, não podemos brincar, tergiversar, hesitar, fingir. Diante de Cristo que nos interpela, só podemos recusar ou aceitar o desafio de um esforço; só podemos voltar as costas ou começar a andar; só podemos fechar-nos no silêncio ou começar a dialogar: conosco, com os que estão perto de nós, com Ele. Mas se aceitamos escolher este caminho, temos de o fazer com seriedade e de maneira responsável, porque o rosto que se nos apresenta é o do próprio Cristo que, sem palavras inúteis, nos olha nos olhos e pergunta: *“para ti, quem sou Eu?”*

### **Advertência**

Segundo o nosso humor, o nosso cansaço ou o nosso estado de espírito do momento algumas passagens deste tema ou determinados textos poderão parecer-nos um pouco difíceis. Não nos desencorajemos por isso, “não deitemos fora o bebê com a água do banho”.

Se o significado de uma ou outra palavra nos escapa, vamos ao dicionário e procuremos o seu significado. Assim teremos enriquecido o nosso vocabulário.

Lembremo-nos que o tema de estudo quer encorajar-nos à reflexão pessoal, em casal e em equipa, e que qualquer estudo pede um certo esforço intelectual. O estudo do tema também faz parte do ponto “formação” da pedagogia do movimento das ENS. Desejamos desde já boa formação a todos.

### **Para reflectir sobre a Palavra de Deus**

Vários textos são-nos propostos para alimentar a nossa meditação sobre a Palavra de Deus.

Talvez pudéssemos escolher um, que aprofundássemos durante todo o mês, que trabalhássemos mais profundamente na nossa oração quotidiana.

A oração comunitária durante a reunião mensal poderia partir de um dos outros textos do mesmo tema.

### **Para continuar a reflexão**

Os membros da equipa que o desejem encontrarão em anexo, no fim deste documento, a conferência de Monsenhor Fleischmann, Conselheiro Espiritual da Equipa Responsável Internacional, e as intervenções dos quatro casais Supra-Regionais, produzidas quando o Colégio do Rio, em Julho de 2004, sobre o tema: *“Quem dizem os homens que Eu sou?”*

## ***Primeira reunião***

### ***O homem à procura de Alguém que dê sentido à vida***

O ser humano, ao longo da sua existência procura o sentido profundo da sua vida. Na história da humanidade, as diferentes culturas propuseram teorias e projectos que podiam dar respostas satisfatórias. Mas a resposta mais verdadeira é a que todo o homem tem de procurar por si mesmo. Uma procura longa e profunda que leva ao encontro de toda a criatura com o seu Criador.

#### ***Procurar o sentido da vida***

Todo o ser humano procura o sentido da sua vida: Porquê viver? Eis uma questão que nos pomos cedo ou tarde, uma questão que se impõe em todas as fases importantes da nossa vida e diante de todas as escolhas que nos comprometem, uma questão que nos estimula e nos provoca constantemente.

Que procura a maior parte de nós? Que deseja cada um de nós? Talvez procuremos todos, de um modo ou de outro, a felicidade e a paz; sobretudo num mundo marcado por contradições, conflitos, injustiças e desordens, a impressão de desorientação nos leva a desejar um refúgio onde procurar e encontrar um pouco de paz. Mas nessa busca desenfreada, acabamos por passar de uma experiência a outra, de uma situação a outra, de um “senhor” a outro, sem conseguir atingir o nosso objectivo.

Na realidade, toda a vida tem um sentido e cada um deve trabalhar em si próprio e na sua vida, para procurar e encontrar as suas respostas.

Há os que fazem coisas muito simples e outras coisas muito complexas; o que importa é não confundir o sentido com a utilidade, com o sucesso ou o êxito na prossecução dos nossos objectivos; porque o sentido e o valor das coisas e dos actos, que fazem parte da nossa vida, estão naquilo que revelam do nosso espírito e no significado que nos trazem e trazem à nossa vida. Assim os cuidados quotidianos de uma mãe pelos seus filhos não são menos importantes do que a actividade de um chefe de estado ao serviço do seu povo.

Na nossa procura de sentido, arriscamo-nos às vezes a tirar sentido às coisas que o têm e de inventar ou dar um sentido a coisas que não têm nenhum. Há nisso uma tensão contínua. Mas se, pela nossa cultura, a nossa economia ou a nossa prática política, criamos condições para uma vida privada de sentido, não podemos lamentar-nos que a nossa vida não tem sentido nem procurar algures, na Igreja, na política, no trabalho, no sucesso, na felicidade, no prazer, as respostas à questão essencial que continua a interrogar-nos, no mais fundo de nós.

#### ***Procurar as respostas***

Todo o ser humano procura respostas fundamentais à questão das razões de viver, porque *“...diferentemente dos animais, para os quais o futuro se encontra no seu passado, no sentido em que é determinado pela natureza, o homem, como ser livre e portanto dono do seu destino, não é determinado pelo passado; é capaz de se projectar no seu futuro; e sobretudo, é capaz de projectar*

*o que deve ser, o ideal e o tipo de homem que quer realizar. Foi o que fez sempre na história. As diferentes civilizações que se sucederam – a civilização grega, a romana, a medieval cristã, a civilização moderna - [...] todas traçaram um projecto de humanidade, e o mesmo se pode dizer da civilização actual. Mas há uma diferença: enquanto as civilizações do passado, homogêneas no essencial, propunham um único projecto de humanidade, a civilização moderna e contemporânea, essencialmente pluralista, do ponto de vista ideológico e cultural, apresenta projectos numerosos e diversos, aos quais respondem projectos de futuro diferentes e opostos. Entre esses, os principais parecem-nos ser os seguintes: projecto tecnológico, projecto consumista, projecto libertário.*

a) projecto tecnológico

*“É o projecto de um homem e de um mundo, rigorosamente submetidos à racionalidade científica, onde nada é deixado ao acaso, nem à imaginação nem ao humor, mas onde tudo é determinado e previsto pelo computador, afim de evitar erros e desperdícios económicos, desordem social e sofrimento. [...]. Este projecto confia absolutamente na ciência – que considera capaz de resolver os grandes problemas que põe o desenvolvimento industrial actual – e, sobretudo, à razão humana.*

b) projecto consumista

*“Aqui vê-se no homem sobretudo um ser que tem «necessidades» sempre novas e sempre crescentes. Por isso se propõe satisfazê-las pela produção e consumo de bens materiais, em quantidade sempre maior e de qualidade sempre melhor. O ideal para que tende este projecto é a criação da sociedade do bem-estar, uma sociedade do «ter», em que o homem tem de ter com que satisfazer todas as suas necessidades, as necessidades primárias como as que são criadas artificialmente.*

c) projecto libertário

*“O homem é aqui considerado como um ser de «desejos», mas, em todo o caso, esses desejos são reprimidos pela sociedade com as suas leis, pela moral com os seus «tabus» e pela religião com os seus preceitos. É então proposto libertar o homem de toda a «lei opressora» e de toda a «moral repressiva», para lhe permitir gozar do seu direito à felicidade e, sobretudo, a ser livre de toda a forma de opressão e de alienação. Nesta perspectiva, visa-se a criação de uma sociedade livre, quer dizer, em que cada um seja livre de satisfazer os seus «desejos» da maneira que melhor lhe convier.”*

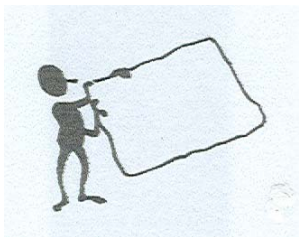
*“Estes «projectos de humanidade» estão presentes na cultura actual e têm uma grande influência sobre os nossos contemporâneos. A ideia de «libertação», que lhe está subjacente, dá-lhes uma atracção particular. O homem hoje aspira ser livre de todo o condicionamento e de qualquer forma de constrangimento, quer de ordem social e económica ou de ordem moral e religiosa. Livre do sofrimento, da necessidade, do medo. Estes diversos projectos de humanidade apresentam-se precisamente como libertadores. Mas sê-lo-ão realmente? Ou então, em vez de libertar o homem, não correrão o risco de reforçar as antigas escravidões e de lhe criar novas?”*

De qualquer modo, debruçamo-nos sobre estes três projectos de civilização ao mesmo tempo que partilhamos os valores propostos em cada um deles, mais de um ou de outro, provavelmente. No entanto, no fundo, não nos sentimos realizados; isto conduz-nos a uma outra realidade, que talvez muitos de nós vivamos: o sentimento de desorientação, de viver no provisório, no precário em relação a outra ideologia a outro projecto. À nossa volta, tudo parece tão sem fundamento e significado que somos levados a procurar na evasão a resposta a dar à nossa vida. Isto pode levar-

nos a uma atitude negativa, que nos faz viver resignados e impotentes, mas pode também dar-nos motivo para agarrar os dons da nossa inteligência e da nossa liberdade para escolher os caminhos que nos parecem os mais autênticos para a nossa vida.

Não se trata então de escolher uma maneira de ser homem segundo um ou outro projecto (tecnológico, consumista ou libertário) mas antes compreender o que é ser pessoa e querer ser pessoa.

Trata-se simplesmente de um “projecto de humanidade” cujo fim é, para todo o ser humano, tornar-se realmente uma pessoa. Mas será possível um tal projecto? Não será preciso uma vida inteira para o realizar plenamente?



### ***Para reflectir sobre palavras humanas***

*Os textos seguintes revelam, cada um à sua maneira, a profunda necessidade de cada pessoa encontrar o sentido da sua vida no mundo e no projecto de civilização em que está inserido.*

Mariana Garcia Villas, de Salvador, advogada, deputada, depois presidente da Comissão para os Direitos Humanos, assassinada a 13 de Março de 83 na guerra civil do seu país:

- *O sentido da minha vida é ser um pequeno elemento na vida do meu povo; a minha história é só uma parte da história do meu povo, sou uma mulher vulgar. Mas em Salvador, as pessoas vulgares não estão protegidas, são sem defesa; em Salvador, as pessoas vulgares morrem, muitas vezes são presas, fazem desaparecê-las, assassinam-nas. Em Salvador, mas também no mundo inteiro, os pobres, que são as pessoas mais vulgares, não morrem de velhice, mas de pobreza.*

Luigi Pintor, um político italiano, laico, que se diz não crente:

- *Não há nada de mais importante para fazer numa vida inteira do que inclinar-se para que qualquer outro, agarrando-se ao teu pescoço, se possa levantar.<sup>1</sup>*

Don Carlo Molari, teólogo, conselheiro espiritual duma equipa:

- *Há muitos sinais que mostram que é possível orientar positivamente o itinerário humano. É preciso reconhecê-los, cultivá-los e difundi-los para que se possa criar a esperança. O primeiro sinal de esperança é a sede de interioridade e a busca de espiritualidade. A procura espiritual intensifica-se hoje. A procura apaixonada de humanidade vem do facto de o homem ser realmente chamado à felicidade, ao bem estar, ao domínio das coisas. Este chamamento tem forçosamente efeitos na esperança instintiva que leva o homem a procurar o mais de alegria possível na vida. Mas isso exige [...] deixar definitivamente a lógica da acumulação. É uma etapa que não se pode ultrapassar sem redescobrir a riqueza interior*

<sup>1</sup> L. Pintor, *Servabo*, 1992.

*das pessoas. Donde a necessidade de um vigoroso relançamento da interioridade. [...] Só uma forte interioridade pode ajudar a perseverar na luta contra a corrente. Para o homem de hoje, o problema crucial é saber se existe uma resposta absoluta e definitiva às expectativas históricas do homem ou se, pelo contrário, é possível viver contentando-se com respostas parciais, provisórias, em tensão permanente. Alguns não conseguem suportar esta situação e sucumbem. Outros refugiam-se no fundamentalismo, que é a nostalgia dos momentos fortes da sua história. Outros avançam porque continuam a guardar motivações ilusórias; e outros ainda, porque encontraram Deus, vivem a esperança teologal. São maneiras diferentes de praticar a esperança, vivendo a dinâmica da vida espiritual de modo mais ou menos perfeito.<sup>2</sup>*

Um jovem de 18 anos:

- *À imagem de Cristo que olho neste momento. Gostaria de te encontrar. Gostaria tanto de ver os teus olhos quando Madalena chorava aos teus pés. Gostaria de ver as tuas mãos, que os discípulos reconheceram, imediatamente, na fracção do pão. Gostaria de ouvir a tua voz, quando as multidões fascinadas, vindas de propósito, de longe, ouviam a tua voz. Devia ser sublime. Gostaria de ver o teu rosto que perdoava os golpes recebidos. Mas queria, sobretudo, falar-te, nem que fosse só uma hora, perguntando-te tudo o que não sei, tudo o que me deixa na dúvida, queria saber o que pensas de Brahms, ou de Guccini, D'Annunzio, de Marx...de mim.*

Padre Henri Caffarel<sup>3</sup>

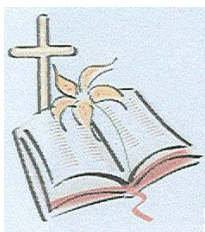
- *Não duvido que o gosto do absoluto seja uma fome de Deus inscrita em todo o homem. Esta fome é a própria definição do homem: é a substância humana que é esfomeada, que tem fome de Deus. Por isso vos dizia e repito-vos: o verdadeiro problema não é entre vós e o vosso marido mas entre vós e Deus. Procurai Deus, entregai-vos a Ele, e a vossa vida mudará...*

---

<sup>2</sup> C. Molari, *Un passo al giorno*, 1985.

<sup>3</sup> H. Caffarel, *Aux Carrefour de l'amour*, pp.26-27.





### *Para reflectir sobre a Palavra de Deus*

*João 4, 6-15*

Jesus, cansado da caminhada, sentou-se na borda do poço. Era por volta do meio-dia. Entretanto chegou uma mulher samaritana para tirar água. Disse-lhe Jesus: “Dá-me de beber”. Os discípulos tinham ido à cidade comprar alimentos. Disse-lhe então a samaritana: “Como é que tu, sendo judeu, me pedes de beber a mim, que sou samaritana?” (É que os judeus não se dão bem com os samaritanos). Respondeu-lhe Jesus: **“Se conhecesses o dom de Deus e quem é que te diz: Dá-me de beber, tu é que lhe pedirias, e Ele havia de dar-te água viva”**. Disse-lhe a mulher: “Senhor, não tens sequer um balde e o poço é fundo. Onde consegues a água viva? Porventura és mais do que o nosso pai Jacob, que nos deu este poço donde beberam ele, os seus filhos e os seus rebanhos?” Replicou-lhe Jesus: “Todo aquele que bebe desta água voltará a ter sede; mas quem beber da que eu lhe der, nunca mais terá sede: a água que eu lhe der há-de tornar-se nele em fonte de água que dá a vida eterna.” Disse-lhe a mulher: “Senhor, dá-me dessa água, para eu não ter sede, para não ter de vir cá tirá-la.”

*Do Salmo 36 (35), 8-12*

“Ó Deus, que maravilhosa é a tua bondade!  
 À sombra das tuas asas, abrigas os homens:  
 podem saciar-se da abundância da tua casa;  
 matas-lhes a sede nos nós do paraíso.  
**Em Ti está a fonte da vida  
 e é na tua luz que vemos a luz.**  
 Dá o teu amor àqueles que amam,  
 e a tua justiça aos de coração recto.  
 Que o orgulhoso nunca exista em mim  
 nem me afugente a mão do ímpio!

### **Questões para mim e para nós: o dever de se sentar**



Dum ponto de vista simplesmente humano, sem fazer explicitamente referência à fé, que, por vezes, pode mascarar as nossas ansiedades e medos, tentemos responder com sinceridade:

- *Sentirei eu também, sentiremos nós, essa inquietação e perturbação que nos faz interrogar no fundo de nós mesmos: que sentido tem a nossa vida? Porquê viver?*
- *Que respostas encontramos dentro de nós? Com a ajuda de quem e de quê?*

- *A quem e a que coisas dou eu valor na minha vida de todos os dias? Como é que eu dou testemunho dessa escolha de valores? Quem sou eu no fundo? Que espero de mim mesmo?*
- *Que valores escolhemos nós, como casal, viver e que actos confirmam as nossas orientações?*



### **Trocar, procurar, compreender juntos em equipa**

- *Quantas vezes nos damos conta de que às questões que se nos impõem, achamos respostas que não somos capazes de fazer verdadeiramente nossas?*
- *O que impedirá os nossos espíritos e os nossos corações de acolher a Verdade e de começar realmente o caminho de conversão ao qual aspirámos?*
- *Que obstáculos, em nós e à nossa volta, tornam mais difícil o nosso caminhar?*

### **BIBLIOGRAFIA**

- H. Caffarel, *Aux carrefours de l'amour*, Parole e Silence, nova edição, Outubro 2001  
 G. Florio, *Perchè vivere?* Ed B, Bolonha, 1984  
 C. Molari, *Un passo al giorno*, Cittadela ed, 1985  
 P. Raffaele Sacco, Rcj, in *L'Osservatore Romano*, Maio de 2003  
 J. Krishnamurti, *La ricerca della felicità*, Fabbri, 1997  
 L. Pintor, *Servabo*, Feltrinelli, Milão, 1992

e o nosso agradecimento pelas reflexões e as ideias de Raniero La Valle e Marianella Garcia.

## *Segunda reunião*

### *Os homens desejam paz e justiça para todo o universo*

Procuramos todos a paz, mas muitíssimas vezes, não vivemos em paz. Talvez nos enganemos sobre o que é a paz: queremos uma paz calma e tranquila, enquanto que a paz é o fruto de um empenhamento constante para a conquistar.

Jesus, nosso Mestre, deu-nos a sua paz: uma paz verdadeira que não deve nem quer ignorar os valores da justiça e do perdão.

#### *A paz*

“Persegue a paz, procura-a” (Sl 34,15). *Shalom*, a palavra do texto hebreu original, é a paz como plenitude, bem-estar, prosperidade, integridade e isso vai no sentido duma natureza que seja humana, nem desfigurada, nem violentada, nem oprimida, mas inteiramente reconciliada. É a realização total do «sonho» de Deus, do Deus da vida para quem a paz e a vida são inseparáveis. Essa paz não nasce por si própria; é preciso procurá-la, descobri-la, conhecê-la e persegui-la. E persegui-la, não quer dizer atingi-la ou obtê-la, mas procurar atingi-la ou obtê-la. O trabalho de procurar a paz «aqui e agora» deve ser constante: os que vivem na espera do Reino, esperam e anunciam a sua paz; eles fazem-se servidores e construtores de paz: eles oferecem e recebem paz. E no entanto a paz nunca será definitiva: cada passo em frente e cada sucesso serão só pequenos grãos, modestos tijolos, sinais. A história, pessoal ou colectiva avança pelo preço de facturas e recomposições contínuas; nunca é estática mas dinâmica: por isso a paz que conquistámos um dia não será nem estável nem definitiva.

Habitualmente, associamos a palavra paz com qualquer coisa de estático: alguém descansa em paz, mas não se bate em paz; está-se sentado em paz, mas não se participa de uma reunião em paz. A paz consideramo-la como ausência de conflito, mas para nós, cristãos, a paz é um dom do Espírito, não é um estado parado, de repouso ou de relaxamento, mas qualquer coisa de mais comprometedor. A paz é uma conquista, um esforço, um empenhamento; é um desafio permanente enquanto o conflito permanece um elemento inevitável da vida que é preciso viver de forma construtiva e positiva. Jesus deixa-nos a sua paz e exorta os homens a conquistar a paz: a vinda de Cristo à terra é uma mensagem para os homens de boa vontade, para os pastores e para os mais humildes; a ressurreição de Cristo traz a paz aos Apóstolos assustados e dá-lhes, com a paz, a energia necessária para anunciar a Boa Nova. E felizes serão os construtores de paz!

Outrora, nas nossas Igrejas, não havia nada de mais agradável aos ouvidos das pessoas do que ouvir falar de paz: parecia-lhes que para passar o limite entre a guerra e a paz bastava um pequeno esforço de boa vontade. As coisas complicaram-se quando se prestou atenção ao que nos lembra Isaías: «A paz é fruto da justiça» (Is 32,15-20).

#### *A justiça*

A partir do momento em que se começou a apresentar a paz como companheira da justiça, o discurso sobre a paz não só se tornou mais destabilizador, como nos fez compreender muitas coisas:

- nunca haverá paz enquanto os bens da terra forem injustamente repartidos;

- a guerra não é somente o barulho dos canhões ou a explosão atômica ou de produtos químicos, mas também a existência de determinado sistema económico violento, mesmo que suportado em silêncio;
- o absurdo da situação não é só que no mundo haja ricos e pobres, mas que os ricos se tornem cada vez mais ricos e os pobres mais pobres;
- a linha de partilha da paz e da guerra não passa tanto entre Leste e Oeste, como entre Norte e Sul, entre os povos ricos e terceiro mundo, enterrado em dívidas e à beira do abismo.

Sem dúvida, cada um de nós, nas mil formas de violência pública e privada que acontecem todos os dias, torna-se cúmplice da guerra e transporta-a para sua casa.

*“Se não temos coragem de dizer que é preciso não vender armas, que é preciso não as produzir, que a política dos blocos é injusta, que o perdão das dívidas do terceiro Mundo não é mais do que uma prestação do reembolso daquilo que devemos a dois terços do mundo, que a lógica do desarmamento unilateral não tem nada a ver com a do Evangelho, que a não violência activa é um critério da prática cristã, que certas formas de objecção de consciência são sinais de um amor maior pela cidade terrestre...se não temos coragem de dizer tudo isto, então permaneceremos passivos fumegantes em vez de ser luzes pascais.”* (Don Tonino Bello, bispo).

A justiça caminha ao lado da paz e mantém com ela uma relação constante e dinâmica. A justiça e a paz tendem para o bem de todos e de cada um, por isso nos exigem ordem e verdade. Quando uma ou outra estão ameaçadas, vacilam as duas; quando se fere a justiça, a paz está também arruinada. O apelo ardente de João Paulo II ecoa vivo nos nossos corações: “Não há paz sem justiça, não há justiça sem perdão.”

Se a paz é um dom que se recebe ao mesmo tempo que o perdão, a paz é forçosamente também, e sobretudo, fruto da justiça, porque a justiça elimina as causas do conflito e torna os homens livres de se exprimirem. Sem justiça nunca será possível falar de paz. Enquanto os bens da terra forem repartidos de forma tão desigual, enquanto os ricos se tornarem sempre mais ricos e os pobres sempre mais pobres, a paz de que falamos será só uma pálida sombra da verdadeira paz de Cristo.

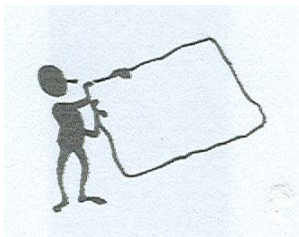
A propósito de tudo isto, nós, casais e lares cristãos, nós, membros de uma equipa, temos o dever de formar os nossos filhos num ambiente de justiça e de paz e de criar neles atitudes e valores cristãos afim de contribuírem, de maneira eficaz, para a justiça e para a paz no mundo. É preciso lutar contra a corrente de violência que os media difundem. Ao mesmo tempo é necessário estimular uma consciência crítica nas crianças diante dos anti valores que aí são apresentados.

### **Paz e justiça numa indissolúvel unidade**

“O amor e a fidelidade vão encontrar-se, vão beijar-se a paz e a justiça (Sl 85 '84'). Este versículo associa com a paz e a justiça dois conceitos importantes para o matrimónio, o amor e a fidelidade. Esta simples frase faz-nos compreender que a justiça é parte integrante da conquista da paz. Em todas as comunidades humanas, começando pela família e chegando até às relações internacionais, a ausência de justiça torna impossível a serenidade das relações e uma igual dignidade; a desconfiança instala-se; os abusos e a discórdia, os conflitos e a guerra tornam-se inevitáveis, consequência previsível, e em certos casos até, procurada para continuar a alimentar um sistema profundamente injusto. Não se pode dizer “fica em paz” a um irmão, se lhe falta o necessário.

“Paz na terra, aspiração profunda dos seres humanos de todos os tempos...”, assim começa a encíclica “*Pacem in terris*” de João XXIII; hoje, muitos são os seres humanos que fazem parte desses homens de boa vontade que, independentemente da fé e da raça, lutam juntos por um mundo mais justo e mais pacífico, começando pelas realidades do casal e da família, para chegar às nações e aos povos.

*“Se queres paz no mundo, faz a paz no teu país,  
se queres paz no teu país, faz a paz nas cidades,  
se queres paz nas cidades, faz a paz nas famílias,  
se queres paz nas famílias, faz a paz dentro de ti”.*



### ***Para reflectir sobre palavras humanas***

Li Tien Min

- *Pouco importa quem tu és: homem ou mulher, velho ou criança, operário ou camponês, soldado ou estudante ou homem de negócios; pouco importa qual é o teu credo político ou religioso; se te perguntarem qual é a coisa mais importante para a humanidade, responde: antes, depois e sempre a paz!*

Baden Powel

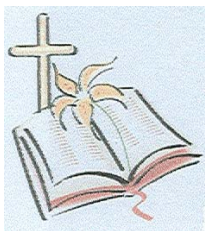
- *No que respeita ao maior problema da paz mundial, parece-me que antes de conseguir suprimir as armas, antes de poder fazer promessas nos tratados, antes de construir palácios que sejam a sede de delegações para a paz, a primeira etapa consiste em habituar as novas gerações de todos os países, a deixar-se guiar, em todas as coisas, por um sentido absoluto da justiça. Se os homens tivessem feito deste sentido da justiça um instinto a orientar a sua conduta em todas as questões da vida, a ponto de examinarem imparcialmente todos os problemas dos dois pontos de vista opostos antes de escolher um deles, então, quando aparecesse uma crise entre dois países, eles estariam mais espontaneamente prontos a reconhecer o que é injusto e a adoptar uma solução pacífica, o que permanece impossível enquanto o seu espírito estiver habituado a considerar o recurso à guerra como única solução.*

Tonino Bello, bispo

- *A Bíblia evoca muitas vezes o abraço da paz e da justiça duma maneira semelhante ao de uma mãe e do seu filho, ou de dois amantes. A paz é fruto da justiça, diz Isaías numa magnífica passagem [...], compreende-se facilmente que, para muitos bem pensantes, esta descoberta bíblica, tão recente, que liga a justiça à paz, seja pouco clara.*

## Martin Luther King

- *“Nunca teremos paz na terra enquanto os homens não perceberem que o fim não está na escolha dos meios, pois os meios representam o ideal em potência enquanto o fim representa o ideal em acto; e não se pode obter fins bons com meios maus, tal como não se pode ter uma boa árvore a partir de sementes más. É curioso ver que todos os grandes génios militares do mundo falaram da paz. Os antigos conquistadores que matavam para atingir a paz, Alexandre, Júlio César, Carlos Magno, Napoleão, todos desejavam uma ordem pacífica em palavras. Se lerem com atenção «Mein Kampf», descobrirão que Hitler afirmava insistentemente que tudo o que fazia na Alemanha era para estabelecer a paz. E a eloquência dos que dirigem o mundo, hoje, é maravilhosa, quando se trata da paz: Sempre que activamos bombas sobre o Vietnam, o Presidente Johnson fala de paz. Onde está o problema? Toda essa gente fala de paz como de um objectivo longínquo, como um fim ao qual chegaremos mais cedo ou mais tarde; mas, sabemos que é forçoso chegar à paz não só como objectivo, mas também como meio pelo qual se pode alcançar o próprio objectivo. Precisamos de alcançar fins pacíficos por meios pacíficos.”*



### *Para reflectir sobre a Palavra de Deus*

#### *Jo 14,21-29*

“Quem recebe os meus mandamentos e os observa, esse é que me tem amor; e quem me tiver amor será amado por meu Pai; e eu amá-lo-ei e manifestar-me-ei a Ele.” [...] “Se alguém me ama guardará a minha palavra, e meu Pai amá-lo-á e viremos a ele e faremos nele morada. Quem não me tem amor não guarda as minhas palavras, e a palavra que ouvistes não é minha, mas do Pai que me enviou. Fui-vos revelando estas coisas enquanto tenho permanecido convosco, mas o Consolador, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, esse é que vos ensinará tudo e há-de recordar-vos tudo o que Eu vos disse. Deixo-vos a paz; dou-vos a minha paz. Não é como a dá o mundo que Eu vo-la dou. Não se perturbe o vosso coração nem tenha medo, ouvistes o que Eu vos disse: Eu vou, mas voltarei a vós. Se me tivésseis amor, havíeis de alegrar-vos por Eu ir para o Pai, pois o Pai é mais do que Eu. Digo-vo-lo agora, antes que aconteça, para credes quando isso acontecer.”

#### *Salmo 85 (84), 8-14*

Mostra-nos, Senhor, a tua misericórdia,  
concede-nos a tua salvação.  
Prestarei atenção ao que diz o Senhor Deus;  
Ele promete a paz para o seu povo e para os seus amigos  
e para todos os que se voltam para Ele de coração!  
A salvação está perto dos que o temem  
e a sua glória habitará na nossa terra.  
O amor e a fidelidade vão encontrar-se,  
vão beijar-se a paz e a justiça.

O próprio Senhor nos dará os seus bens  
e a nossa terra produzirá os seus frutos.  
A justiça caminhará diante dele  
e a paz, no rasto dos seus passos.



### Questões para mim e para nós: o dever de se sentar

- O que quer dizer para nós “fazer a paz”?
- Quais são os motores do nosso perdão em casal?
- Como compreendemos a justiça, nós, como casal; quais são os momentos em que temos um sentimento de injustiça na nossa relação?



### Trocar, procurar, compreender juntos em equipa

- *Como gerimos os nossos conflitos e discordâncias em casal ou em equipa?*
- *Somos capazes de pedir perdão e de aceitar o perdão que o outro nos concede?*
- *Que rumos tomamos para a educação nos valores da solidariedade e da justiça?*
- *Como procuramos reagir, na nossa vida diária, ao desequilíbrio da riqueza no mundo que nos cerca?*

### BIBLIOGRAFIA

- A. Bello, *Sui Sentieri di Isaia*, Ed. La Meridiana, Molfetta, 2001  
 AA. VV., *Conflitti, Violenza, Pace Sfida alle religioni*, Ed. Ancora, Milão, 2001  
 G. Martirani, *Il Drago e l'Agnello*, San Paolo, Milão, 2004  
 G. Martirani, *La danza della Pace*, San Paolo, Milão, 2004  
 R. Panikkar, *Pace e Interculturalità*, Jaca Book, Milão, 2002  
 AA. VV., *Dove è la pace sulla terra*, EMI, Bolonha, 2001

## ***Terceira reunião***

### **O alcance universal da fé**

A nossa fé baseia-se no Amor e o Amor verdadeiro só é possível se se dirigir a todos os homens de todos os tempos, de todas as culturas, de todas as religiões. Por vezes o nosso selo de crentes levamos, sem razão, a reservar o nosso amor só aos nossos irmãos na fé, quando o Senhor foi claro: veio para a salvação de todos.

Devemos pois viver a nossa fé num espírito aberto e universal, ser capaz de alargar o nosso horizonte e de reconhecer os valores da diferença, isto é, de ver em qualquer outra pessoa o rosto de Cristo.

### **O valor da diferença, fundamento do ecumenismo**

O século que deixámos para trás foi o século em que se viu primeiro aflorar timidamente, depois manifestar-se uma *inevitável presença do que é diferente*, do “estrangeiro”, mesmo no seio das diferentes comunidades, na sociedade; foi o século em que se afirmou a *necessidade inelutável do diálogo*. Depois de séculos, em que o “diferente” era compreendido de modo negativo, ou, em todo o caso, marcando distâncias, estas últimas décadas ensinaram-nos que não podíamos contentar-nos em tolerar a diversidade, mas que devíamos partilhá-la, aceitando o mistério do outro, mesmo que ele se nos apresente como um enigma. Em todo o “estrangeiro” há, de facto, um enigma que espera ser interpretado para se tornar um mistério e uma lição de vida: o diálogo é o espaço vital para todos aqueles que descobriram, no respeito das várias identidades, a sua plena “solidariedade” na sua pertença à única família humana. É preciso habituarmo-nos a considerar o outro e a diferença como fonte de comunhão, não como pretexto de exclusão. Poder-se-á falar de verdade quando se aceita difundir-la e propagá-la pela violência? Ou quando ela é animada pelo desprezo que desconsidera o ser diferente? “A verdade separada do amor não é Deus, mas torna-se um ídolo que não se deve amar nem adorar”, escrevia Pascal. O Novo Testamento ensina-nos que é preciso viver a verdade na caridade, isto é, começar por um respeito cordial pela diferença que nos levará a respeitar os ritmos dos outros. E isso vale do ponto de vista religioso. Com efeito, a verdade não é a posse orgulhosamente preservada, que só nós podemos conservar, ou, pior ainda, que podemos utilizar como arma contra os outros. Não, a verdade é uma pessoa que nos possui: o cristão pertence ao seu Senhor, porque está mergulhado na sua morte e ressurreição.

### **A unidade da fé oposta à divisão das fés**

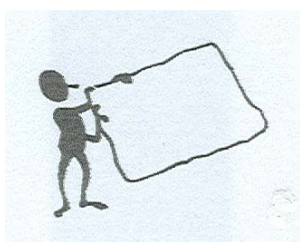
Durante as últimas décadas, os cristãos começaram a achar insuportáveis as divisões que, durante muito tempo, marcaram a sua história. Divisões que levaram a ódios, sofrimentos e guerras, em contradição com a chamada de Jesus a que sejam “um”. Os cristãos, convencidos de dever fazer tudo para recompor a unidade da fé, são cada vez mais numerosos a aceitar a diversidade nos modos de acreditar num único Senhor. A unidade, procurada neste período fecundo para o ecumenismo, não é sobretudo contra alguém; esta unidade não deve significar uniformidade, mas unidade pluralista na qual as Igrejas, como verdadeiras irmãs, se reconhecem reciprocamente e se põem ao serviço umas das outras. Para os cristãos, estar unidos, estar em comunhão, não é uma questão de estratégia nem uma busca do poder necessário para se opor aos “outros” aos não cristãos, tornados, é verdade, maioria ou força agressiva. Não, os cristãos estão unidos porque seguir o Senhor Jesus



significa viver o mandamento do amor, colocar-se ao serviço dos outros, sobretudo dos mais pobres e dos mais fracos, renovar constantemente o perdão e portanto as tentativas de reconciliação. Mas não há só isto: nas últimas décadas, também nos fomos dando conta de que as nossas cidades se tornam mais “pluralistas”, com a presença complexa e multiforme de etnias, de culturas e religiões que põem em causa, profundamente, a nossa identidade e as nossas seguranças. “Dar-se conta da esperança que existe em nós” (1, Pedro, 3,15) torna-se uma exigência quase quotidiana que devemos traduzir em atitudes concretas de escuta e acolhimento, evitando cultivar a nostalgia de épocas em que o nosso mundo era automaticamente cristão, ou ressentimentos estéreis que alimentam lógicas de hostilidade.

### **Seremos nós causadores de divisão?**

Precisamos de prestar atenção, porque as divisões estão muitas vezes entre nós próprios. Não só entre as teologias, as igrejas e as religiões, mas também nos nossos corações. Por vezes até em nome da fé corremos o risco de ser, nós também, causadores de divisão, com insensibilidade ou incompreensão. Pelo contrário, somos chamados a viver a nossa época com confiança, seguros de que Deus não a abandona. Desde sempre, Deus escolheu o rosto do outro – seja qual for a sua situação religiosa – para se tornar presente, mesmo de maneira inédita e misteriosa, na história humana. Em Jesus, o nosso Deus chama-nos e compromete-nos a ser todos os dias testemunhas de reconciliação, para reduzir as grandes fracturas do mundo, da vida quotidiana, dos nossos meios: as fracturas que separam os homens das mulheres, as etnias entre si, grupos de outros grupos, eu dos outros, a minha família das outras famílias, os cristãos de outros cristãos, os cristãos dos muçulmanos, os cristãos dos judeus. O nosso caminho encontra permanentemente estas fracturas; a nossa casa conhece essas fracturas; o nosso local de trabalho também; e nós somos chamados a diminuí-las pelo amor que não agudiza as diferenças mas sabe aceitá-las e valorizá-las. A paz não é mais do que “a convivialidade nas diferenças”. Numa época “pluralista”, no meio de homens diferentes e fés religiosas diferentes, enquanto cristãos nós temos de fazer esforços de escuta autêntica, de acolhimento bondoso, de auxílios dados gratuitamente, com desinteresse. Como os cristãos dos primeiros séculos, seremos reconhecidos por isto, e essa será a nossa maneira de anunciar Cristo.



### ***Para reflectir sobre palavras humanas***

Enzo Bianchi, fundador da comunidade monástica de Bose

- *Apesar das aparências, no povo de Deus, entre os simples cristãos, sente-se sempre mais profundamente como “característica” cristã, e vive-se como objectivo o encontro do outro cristão, já não como um herético ou um cismático, mas como um irmão que caminha ao nosso lado para a unidade querida pelo Senhor e não procurada por conveniência estratégicas orquestradas pela Igreja. Matta el Meskin, o grande monge copta contemporâneo, lembra-nos que quanto mais os cristãos são fiéis ao Evangelho, mais*

*facilmente eles se encontram e conseguem a unidade e a comunhão: eles chegam a elas justamente, no seu Senhor, guiados pelo Espírito na prática quotidiana do Evangelho.*

Irmão Roger, de Taizé<sup>1</sup>

- *Neste começo do século XXI, encontramos-nos face a uma urgência: tornar real a reconciliação. No longo caminho da vocação ecuménica, o diálogo e a pesquisa teológica são indispensáveis. Mas, se depois de tantos anos de procura, não se consegue chegar ao fim, eis que chega o cansaço e perde-se a credibilidade. Onde encontrar a força da vocação ecuménica? Então penso na luz projectada pelo Papa João Paulo II na sua primeira encíclica “Redemptor Hominis”. O Papa clarifica nela uma realidade evangélica essencial, que permite compreender a catolicidade que traz Cristo. João Paulo II escreve: “Cristo uniu-se de certo modo a todo o homem”. Os humanos não se uniram a Cristo sem a sua resposta pessoal, mas Cristo, ao contrário, está misteriosamente unido a toda a criatura humana. Com esta reflexão, o Papa abre um caminho para a reconciliação. Cristo é comunhão. Ele não veio para criar uma nova religião, mas para permitir uma comunhão nele, a comunhão única que é a Igreja. Também penso nas palavras plenamente evangélicas pronunciadas por João XXIII, em Janeiro de 1959. Falando do Concílio que ia começar, o Papa diz: “Não faremos nenhum processo histórico. Não procuramos saber quem teve ou não razão. Diremos somente: reconciliemo-nos!”. Para a vocação ecuménica, apesar da nossa fragilidade, uma das exigências mais imediatas é levar a reconciliação onde existem fracturas, antigas ou recentes. Certas referências históricas, a lembrança de acontecimentos graves do passado, podem mesmo provocar oposições, até ódios. A memória das humilhações e das feridas pode ser transmitida de uma geração a outra. Então nunca saberemos aquilo de que precisamos: sem perdão a pessoa humana não tem futuro.*

Carta ecuménica nº 3 (2001)

- Ir uns ao encontro dos outros.

*No espírito do Evangelho, devemos rever em conjunto a história das Igrejas cristãs, que é marcada por numerosas experiências positivas, mas também por hostilidades e até por conflitos armados. Erros humanos, falta de amor e mau uso frequente da fé e das Igrejas ao serviço de interesses políticos, deterioram socialmente e credibilidade do testemunho cristão. O ecumenismo começa desde logo, para os homens e mulheres cristãos, pelo renovamento dos corações e pela disponibilidade à penitência e à conversão. O movimento ecuménico já fez progredir a reconciliação. É importante reconhecer os dons espirituais das diferentes tradições cristãs, aprender uns com os outros e assim receber os dons uns dos outros. Para o desenvolvimento futuro do ecumenismo, é necessário em particular contar com as experiências e expectativas dos jovens e encorajar a sua participação em função dos seus meios.*

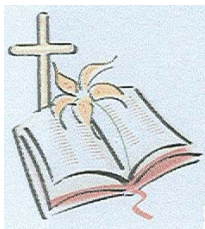
D. Bonhoeffer<sup>2</sup>

- *É uma experiência de um valor excepcional, a de ter enfim aprendido a olhar os grandes acontecimentos da história universal de baixo, do ponto de vista dos excluídos, dos maltratados, dos fracos, dos oprimidos e das vítimas de discriminação, numa palavra, dos que sofrem. É uma sorte para cada um: se nestes tempos a amargura e o rancor não corromperam o coração; se olharmos com um olhar novo as grandes e as pequenas coisas,*

<sup>1</sup> Entrevista do Irmão Roger ao director da revista “Evangelizzare”, de Bolonha

<sup>2</sup> D. Bonhoeffer, *Resistenza e resa*, Queriniana, Brescia, 2002, p. 74

*a felicidade e a infelicidade, a força e a fraqueza; se a nossa capacidade de perceber a grandeza, a humanidade, o direito e a misericórdia se tornou mais livre, mais incorruptível; se, mais, o sofrimento pessoal se tornou uma boa chave, um princípio fecundo para compreender o mundo na contemplação e acção: tudo isto é uma sorte para cada um. Tudo reside nas nossas respostas às necessidades da vida em todas as suas dimensões; e na nossa aceitação da vida por uma satisfação superior, cujos fundamentos se encontram de facto noutra lugar, nem em baixo nem no alto.*



### ***Para reflectir sobre a Palavra de Deus***

#### *Evangelho segundo S. João (17, 6-11)*

Antes de passar deste mundo ao Pai, Jesus rezou assim: “Eles eram teus e tu mos entregaste e têm guardado a sua palavra. Agora ficaram a saber que tudo quanto me deste vem de ti; porque as palavras que tu me deste eu lhas transmiti, a eles e reconheceram verdadeiramente que eu vim de ti e creram que tu me enviaste. É por eles que eu te peço; não peço pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus e tudo o que é teu é meu, e neles se manifesta a minha glória. Doravante já não estou no mundo; mas eles estão no mundo, e eu vou para ti. Pai Santo, tu que a mim te deste, guarda-os em Ti, para serem um como nós somos!”

#### *Primeira Carta de S. João (4,15-16)*

Quem confessa que Jesus Cristo é o Filho de Deus, Deus permanece nele e ele em Deus. Nós conhecemos o amor que Deus nos tem, pois cremos nele. Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele.

#### *Da Carta aos Hebreus (13,1-2)*

Que permaneça a caridade fraterna. Não vos esqueçais da hospitalidade, pois, graças a ela, alguns sem o saberem, hospedaram anjos.

### ***Questões para mim e para nós: o dever de se sentar***



O contacto com a diferença é uma expressão quotidiana que nem sempre é reflectida e reconstruída. Tentemos interrogar-nos:

- *As diferenças da fé religiosa permanecem um grave problema para o mundo cristão. Cristãos e muçulmanos, católicos e ortodoxos: que caminho falta fazer para um verdadeiro diálogo religioso e uma tentativa para o ecumenismo autêntico? Na minha opinião estaremos no bom caminho?*
- *No lugar onde vivemos, encontramos pessoas que não crêem ou quase não crêem. Qual é a minha atitude em relação a elas? Presunção e superioridade, ou respeito e diálogo?*
- *Como cristãos, julgamos evidentes as nossas boas disposições em relação aos outros. A realidade que temos diante de nós é, às vezes, completamente diferente. Tive experiência de contactos directos com a diferença, por exemplo com um emigrante de outra cultura? Como reagi?*
- *O casal é onde a vida se realiza em confronto rude e profundo com o outro, com uma pessoa diferente de mim. Que meios úteis e que fontes sabemos reunir, a partir da nossa vida de casal, para o encontro com o diferente?*



### ***Trocar, procurar, compreender juntos em equipa***

Quantas vezes nos damos conta de que às questões que tocam o nosso coração, encontramos respostas que não somos capazes de fazer verdadeiramente nossas?

- *O que impede o nosso espírito e o nosso coração de acolher a Verdade e de tomar realmente o caminho da conversão ao qual nós próprios aspiramos?*
- *Que obstáculos, em nós e à nossa volta, tornam mais difícil o nosso caminho?*

### **BIBLIOGRAFIA**

Piero Stefani, *Sui confini. Tracce di dialogo tra religioni e culture*. Edições Paulinas  
 Carmine Di Sante, *lo straniero nella Bibbia*. Edições Città Aperta  
 Enzo Bianchi, *Da forestiero. Nella compagnia degli uomini*, Piemme  
 Pietro Barcellona, *L'individuo e la comunità*, Edição Lavoro

## *Quarta reunião*

### *A vocação pessoal: “O meu nome está nos céus”*

O Senhor pergunta-nos: “E vós quem dizeis que Eu sou?”. Não podemos responder de maneira consciente e comprometida se não seguirmos o caminho que nos leva à nossa maturidade pessoal, se não nos interrogarmos a nós próprios: “Quem sou eu? O que é que eu procuro? O que é que eu quero?”. Para construir a nossa personalidade, precisamos de toda a vida, porque é só no seu termo que teremos realizado plenamente o projecto de Deus sobre cada um de nós. E só então poderemos reconhecer o nosso nome inscrito nos céus desde o primeiro dia da criação.

### *Construir a nossa identidade*

Quem sou eu? Conheço-me verdadeiramente no mais profundo de mim mesmo? Eis a questão que nos pomos nos caminhos da nossa vida, em particular nos momentos em que os acontecimentos e as circunstâncias põem à dura prova as nossas reacções, os nossos comportamentos, a nossa própria identidade, quando os projectos e as expectativas que esperávamos para o futuro encontram obstáculos ou insucessos.

É uma velha questão que volta no caminho de todos os homens: num templo da Grécia antiga, estava escrito: “Conhece-te a ti mesmo”, chamamento oficial para avançar na via mais difícil, a de compreender a sua própria identidade, o seu próprio nome.

O tempo que passa renova esta questão por ocasião das nossas experiências mais determinantes, porque aquilo que somos nunca foi fixado para sempre. Os acontecimentos, e encontros significativos, as alegrias e os sofrimentos contribuem para construir a nossa identidade ao longo dos tempos.

Quando nascemos, de facto, somos sobretudo uma promessa por realizar, uma realidade por fazer. A nossa primeira infância recebe os dons do acolhimento e da afeição da parte daqueles que nos rodeiam, a começar pelos nossos pais. O carinho, o calor, a alimentação, a resposta rápida às nossas necessidades primárias são fundamentais para colocar as bases da nossa identidade.

Este processo não pára com o fim da nossa primeira infância; ele deve continuar na adolescência, na juventude e toda a vida, até ao seu termo: precisamos de amor, sempre, para encontrar o nosso equilíbrio.

A qualquer momento da nossa vida, com efeito, a nossa maturidade, e portanto a nossa identidade, vem-nos do apoio, do amor, das experiências de encontros positivos, do dom que os outros são para nós.

A pergunta “quem sou eu?” não recebe nunca uma resposta definitiva, porque somos seres de relação, que amadurecem todos os dias.

Vem-nos somente de acolher o dom do amor e da vida que nos chega constantemente dos outros, através das experiências significativas e de encontros que, pelo tempo, contribuem para desenhar os traços da nossa identidade.

O Senhor da história sustenta-nos e dá-nos vida constantemente pelo amor e pelo dom que representam os que nos amam. Deus está sempre presente na nossa vida pela atenção e pelo bem que nos transmite pelas pessoas que nos acolhem, nos perdoam, nos apoiam, nos escutam. “*Deus nunca ninguém viu*”, é só nos homens e mulheres capazes de nos transmitir o bem que Ele inspira que se torna presente a nós e constrói a nossa vida e a nossa identidade ao longo dos anos.

### **Receber o seu nome**

A maior tentação é a de não querer receber: o individualismo que pretende determinar, com toda a autonomia o seu destino, declarando orgulhosamente que não se precisa de ninguém para viver. Esta tentação é forte; muitas vezes leva-nos a dizer coisas que consideramos definitivas sobre nós mesmos, excluindo os outros do nosso horizonte: “Sou assim, não vou mudar de convicções nem de atitudes”. É a recusa da novidade que os encontros trazem; fechamo-nos diante do que as palavras e gestos de amor que nos chegam poderiam modificar em nós; isso seria o maior ataque à nossa personalidade. A recusa de se deixar servir pelo outro, do serviço que alguém que me ama, do que poderia mudar-me e levar-me a caminhos novos. Isto faz lembrar as palavras de Pedro a Jesus, no episódio do lava-pés: “Não, tu não me vais lavar os pés”, e a resposta de Jesus: “Se não te lavar os pés, não terás parte comigo” (Jo 13,8).

Seremos felizes, quando formos profundamente reconhecidos pelos dons que Deus nos dá, através dos que nos amam, e quando soubermos que não estamos na origem do que temos de bom, porque tudo nos foi dado: as nossas qualidades, a ternura que passa por nós, o nível de gratuidade que pomos nos nossos actos, tudo isto são graças que Deus deixa penetrar em nós, através daqueles que nos ensinaram a amar pelo amor que nos dão.

Mas também não podemos considerar como tesouro e propriedade nossos os dons recebidos; somos chamados a ser dom para os outros, como os outros o são para nós.

### **Para nós, tudo é dom**

A criação da nossa personalidade não acabou quando nascemos; nesse momento mal começou o caminho para a promessa de uma maturação plena e autêntica. O fim é conseguir um dia, no fim da nossa vida, definir a nossa identidade. Neste itinerário de crescimento para a plena realização do nosso destino, Deus continua, ao longo da nossa história, a tornar-se dom para nós através dos acontecimentos. Ele faz-se ternura para nós pelas mãos daqueles que nos amam, nos abraçam, nos apoiam, nos consolam, nos escutam, nos convidam constantemente a ter confiança na vida pela voz e gestos daqueles que nos são próximos.

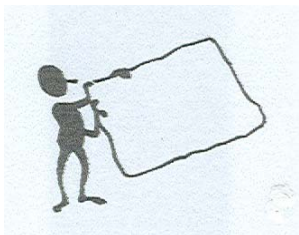
Se recebemos e oferecemos os dons do amor e da vida, no caminho da nossa maturidade, dando lugar ao amor e afastando da nossa perspectiva tudo o que não é útil e que bloqueia o caminho do encontro com Deus, recebemos finalmente a identidade à qual fomos chamados desde o princípio.

O nome de “filhos de Deus” é a identidade à qual todo o homem é chamado. Esta identidade será a nossa intimidade com Deus, uma relação de amor exclusiva e única para cada um.

“Ao vencedor darei [...] uma pedra branca, uma pedra onde estará gravado um novo nome, que ninguém conhece, a não ser o que a recebe. (Ap 2,17).

O caminho da maturidade humana à procura da sua identidade pode então ser uma aventura entusiasmante, na qual nos é pedido sobretudo que nos deixemos amar, que acolhamos o

dom dos outros, que transmite o dom de Deus, ou melhor que transmite Deus como dom. Seremos o templo do Deus vivo, se tentarmos abandonar-nos, comunicar os nossos sentimentos, as nossas angústias e alegrias àqueles que são próximos, se tentarmos ser para os outros, por nossa vez, consoladores, construtores de paz, de justiça e de misericórdia. “Se alguém me amar, guardará a minha palavra, e o meu Pai o amará e nós viremos a ele e nele faremos morada” (Jo 14,23).



### ***Para reflectir sobre palavras humanas***

Etty Hillesum, jovem judia holandesa, morta em Auschwitz em Novembro de 1943; nas suas cartas uma passagem sugere podermos tornar-nos luminosos se levarmos a toda a parte a nossa luz<sup>1</sup>:

- *Sim, a angústia é grande, e no entanto acontece-me muitas vezes, à noite quando o dia passou e mergulhou atrás de mim nas profundezas, vou seguindo, com passo ligeiro, as linhas do arame farpado, e sinto sempre subir do meu coração – não posso fazer nada, é assim, vem de uma força elementar – o mesmo encantamento: a vida é uma coisa maravilhosa e grande, depois da guerra teremos de construir um mundo inteiramente novo e, a cada nova exigência, a cada nova crueldade teremos que opor um pequeno suplemento de amor e de bondade a conquistar sobre nós mesmos. Temos o direito de sofrer, mas não o de sucumbir ao sofrimento. E se sobrevivermos ilesos de corpo e alma, de alma sobretudo, sem amargura, sem ódio, nós teremos também a nossa palavra a dizer depois da guerra [...] A artéria principal da minha vida estende-se já muito longe diante de mim e alcança um outro mundo. Dir-se-á que todos os acontecimentos presentes e futuros já foram tomados em conta em qualquer parte dentro de mim, eu já os assimilei, já os vivi e já trabalho para uma sociedade que sucederá a esta. A vida que levo aqui quase não corta o meu capital de energia – claro que o físico se degrada um pouco, e cai-se por vezes em abismos de tristeza – mas, no centro do nosso ser, tornamo-nos cada vez mais fortes. Gostaria que o mesmo acontecesse convosco e com todos os meus amigos, é absolutamente necessário, resta-nos tanto para viver e para fazer juntos. É por isso que vos grito: mantenham as vossas posições interiores uma vez que as conquistastes, e sobretudo não fiquem tristes ou desesperados ao pensar em mim, na verdade não há razão para isso.*

David Maria Turolto, teólogo, poeta e padre, dos Servitas de Maria:

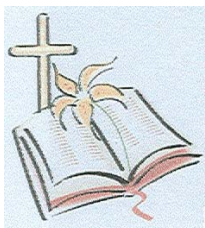
- *Sozinhos, sentimo-nos sempre mais desesperados e mais perdidos e Tu, sem nós, és um pobre Deus, solitário e inútil: por isso continuas semelhante a nós, ao último de entre nós, Deus humilde, fraco, perdido, apaixonado e compadecido, vindo viver toda a nossa fraqueza. Sempre menos Deus de todo o poder, sempre mais Deus da misericórdia e do perdão. É o verdadeiro poder infinito: chegar a perdoar-nos, continuar a perdoar-nos e a*

<sup>1</sup> Carta a Johanna e Klaas Smelik e outras, Westerborck, 3 de Julho 1943, in Etty HILLESUM, *Une vie bouleversée suivie de Lettres de Westerborck*, Trad. Philippe Noble, Ed. Du Seuil, 1988/1995, p. 287-288.

*purificar todas as coisas, refazer uma criação que seja digna de Ti, e que seja sempre a morada real desta criatura por quem és loucamente apaixonado, Senhor.*

Arturo Paoli, padre dos Irmãozinhos de Charles Foucauld, na América Latina desde 1959, onde partilha a vida dos pobres e dos humildes. O breve comentário seguinte chama-nos a ser os construtores da nossa identidade a partir de encontros com os mais humildes da história:

- *O exemplo mais claro é talvez a parábola do Bom Samaritano, contada no capítulo 10 de S. Lucas. O Samaritano era um mercador; por isso está em viagem, tem o projecto de vender, de ganhar muito, de fazer coisas bem concretas com o seu ganho. O seu mundo afectivo, económico, político e relacional anda à volta deste centro vital. O ferido à beira do caminho despoja-o, faz morrer esta maneira de ser. Enquanto o sacerdote e o levita continuam a ser o que são e a apreciar o acidente do seu ponto de vista, decidindo que não é conveniente ocupar-se do ferido, o Samaritano não raciocina, fica petrificado por uma imagem, por um encontro imprevisto; e isso fá-lo decidir sobre a continuação da sua viagem: que vai ele fazer, como empregar o seu dinheiro, e onde irá ele com o ferido? Homem marcado pela morte decide a sua vida, desarma o comerciante e transforma-o em próximo, isto é, responsável... É aí que surge o paradoxo: a libertação da angústia, que todo o homem carrega, não se realiza se não assumirmos o “pecado do mundo”, a responsabilidade dos outros, e é o que Jesus propõe. Porque a angústia transforma-se em amor...*



### ***Para reflectir sobre a Palavra de Deus***

*Mateus 6, 25-34*

Sobre a montanha, Jesus dizia: “Não vos inquieteis quanto à vossa vida, nem com o que haveis de comer ou beber, nem quanto ao vosso corpo, com o que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo mais que o vestido? Olhai as aves do céu; não semeiam nem ceifam nem recolhem em celeiros; e o vosso Pai celeste alimenta-as. Não valeis vós mais do que elas? Qual de vós, por mais que se preocupe, pode acrescentar um só côvado à duração da sua vida? Porque vos preocupais com as roupas? Olhai como crescem os lírios do campo: não trabalham nem fiam. Pois eu vos digo: nem Salomão, com toda a sua magnificência, se vestiu como qualquer deles. Ora, se Deus celeste veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã será lançada ao fogo, como não fará muito mais por vós, homens de pouca fé? Não vos preocupeis dizendo: “que comeremos, que beberemos ou que vestiremos?” Os pagãos, esses sim, afadigam-se com tais coisas; porém, o vosso Pai celeste bem sabe que tendes necessidade de tudo isso. Procurai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e tudo o mais vos será dado por acréscimo. Não vos preocupeis, portanto, com o dia de amanhã, pois o dia de amanhã já terá as suas preocupações. Basta a cada dia a sua aflição.”



*Do Salmo 139 (138), 1-18; 23-24*

Senhor, Tu examinas-me e conheces-me,  
sabes quando me sento e quando me levanto;  
de longe conheces os meus pensamentos.  
Vês-me quando caminho e quando descanso;  
estás atento a todos os meus passos.  
Ainda a palavra me não chegou à boca,  
já Tu, Senhor, a conheces perfeitamente.  
Tu me envolves por todo o lado  
e sobre mim colocas a tua mão.  
É uma sabedoria profunda, que não posso compreender;  
tão sublime que não a posso atingir!

Onde é que eu poderia ocultar-me do teu Espírito?  
Para onde fugir da tua presença?  
Se subir aos céus, Tu lá estás;  
se descer ao mundo dos mortos, ali te encontras.  
Se voar nas asas da aurora  
ou for morar nos confins do mar,  
mesmo aí a tua mão há-de guiar-me  
e a tua direita me sustentará.  
Se disser: “talvez as trevas possam esconder-me  
ou a luz se transforme em noite à minha volta”  
nem as trevas me ocultariam de ti  
e a noite seria, para ti, brilhante como o dia.  
A luz e as trevas seriam a mesma coisa.

Tu plasmaste as entranhas do meu ser  
e formaste-me no seio de minha mãe.  
Dou-te graças por tão espantosas maravilhas;  
admiráveis são as tuas obras.  
Quando os meus ossos estavam a ser formados,  
e eu, em segredo, me desenvolvia  
tecido nas profundezas da terra,  
nada disso te era oculto.  
Os teus olhos viam-me em embrião.

Tudo isso estava escrito no teu livro.  
Todos os meus dias estavam modelados,  
ainda antes que um só deles existisse.  
Como são insondáveis, ó Deus, os teus pensamentos!  
Como é incalculável o seu número!  
Se os quisesse contar, seriam mais do que a areia;  
e, se pudesse chegar ao fim, estaria ainda contigo.

Examina-me, Senhor, e vê o meu coração;  
põe-me à prova, saberás meus pensamentos.  
Vê se é errado o meu caminho  
e guia-me pelo caminho da eternidade.



### ***Questões para mim e para nós: o dever de se sentar***

Refletamos sobre o nosso caminho pessoal, para descobrir, antes de mais, os dons que recebemos daqueles que, na nossa vida, foram presenças cheias de sentido; e perguntemo-nos quais foram as mudanças mais importantes pelas quais estamos reconhecidos:

- *Repensando as pessoas e os encontros significativos que contaram na minha vida. O que me deram? Que riquezas me deixaram? O que mudaram em mim?*
- *Do que é que eu estou reconhecido?*
- *Quais são hoje os dons e as realidades positivas que descubro dentro de mim?*
- *Estou consciente de que os dons, que me vieram dos outros, se tornaram disponíveis?*
- *Olhando uma fotografia dos nossos primeiros encontros em casal, o que mudou desde então no plano do nosso acolhimento recíproco?*



### ***Trocar, procurar, compreender juntos em equipa***

- *Considerando o nosso caminho interior, quais são os hábitos, quais são os comportamentos, os medos que continuam presentes na nossa vida?*
- *Que pensamos ter que mudar em nós, para crescer no nosso caminho de filhos de Deus?*
- *Que apoio me vem de ti para crescer no meu caminho espiritual? E que ajuda posso propor-te?*

### **BIBLIOGRAFIA**

Etty Hillesum, *Une vie bouleversée suivie de Lettres de Westerbork*, trad. Philippe Noble, Ed. du Seuil, 1988/1995.

D.M. Turollo, *Il drama è Dio – Il divino, la fede, la poesia*, Rizzoli, Milão, 1992.

A.Paoli, *Il sacerdote et la donna*, Marsilio editori, Veneza 2000.

## ***Quinta reunião***

### **O chamamento para formar um casal: consciência da vocação conjugal**

Toda a criança que nasce, ao mesmo tempo que vem ao mundo, é chamada a tornar-se um homem ou uma mulher que realiza o seu projecto, a sua vocação para toda a vida.

O chamamento e a resposta ao “sim” sacramental do casamento são também vocações a realizar no dia a dia, passo a passo, hora a hora.

O amor é uma grande força que nos leva a criar e a construir relações; o amor conjugal é a relação por excelência, funda-se na reciprocidade e é chamado a estabelecer uma aliança permanente.

### **O chamamento a ser pessoa**

Ninguém é por si só a razão de ser da sua própria existência: a vida resulta dum chamamento a ser. Nós próprios não escolhemos ser concebido como seres únicos e insubstituíveis; não pedimos para nascer. Mas, depois de ter passado nove meses num estado de total bem estar, onde tudo nos foi oferecido sem ter de o pedir, nascemos numa completa fusão com a nossa mãe, ligados por um cordão umbilical que traz alimento e respiração, e no entanto deixa ainda em suspenso a nossa identidade, à espera do nosso futuro.

Aquele que – pelas razões mais diversas – viveu no momento da sua vinda ao mundo, uma relação pobre e insuficiente, com a mãe em particular, assim como com o casal parental e com os outros adultos à sua volta encontra-se com uma identidade tão incerta que tem que pedir constantemente “licença de viver”, em ligações existenciais que não permitem ter uma vida livre e autónoma. Neste caso, a via para a construção da identidade, e de relações adultas paritárias, é seguramente mais dura.

Ao contrário, aquele que recebeu o dom gratuito do amor, tomou consciência progressivamente da identidade que lhe era dada e fê-la sua. Finalmente, o jovem – quando conseguiu formar uma identidade equilibrada, aceita plenamente as diferenças, aceita que as relações são necessárias como fontes de riqueza de vida – esse jovem percebe forçosamente o chamamento ao encontro com o outro, feito de reconhecimento mútuo e de chamamento recíprocos à plenitude da vida. Trata-se do itinerário de uma vocação a procurar um outro diferente de si que possa dar-nos o que nos falta, um outro que possa ser para nós uma imagem, que permanece forte, significativa e eficaz do totalmente Outro que é Deus.

Nesta fase da vida, particularmente crucial, a vocação amadurece, o chamamento ao encontro do outro clarifica-se. E se chamamos vocação à escolha da vida consagrada à procura de Deus e para o serviço da comunidade, devemos igualmente conceder a mesma dignidade de vocação à procura de um outro, parecido mas absolutamente diferente, com quem podemos estabelecer uma relação absolutamente íntima que nos implica completamente.

### **O chamamento a formar um casal**

O amor é a grande força que nos leva a sair de nós mesmos, a procurar a relação, e entrar numa relação. O tempo em que nos apaixonamos é um período de enorme densidade emotiva; provoca um dinamismo determinante que nos leva a sair de nós mesmos e a afastar a tentação do

egoísmo. A descoberta progressiva do outro torna-se assim uma aventura cheia de satisfação que marca o princípio da aspiração e da vocação a ser casal. No entanto este primeiro tempo de amor deve dar lugar a uma forma de relação mais calma e mais construtiva, à edificação de um projecto de casal, à definição de uma aliança estável e fiel.

A *philia*, a amizade, é a primeira forma de relação fora da família, o primeiro ensaio para construir o seu itinerário pessoal, o seu projecto de vida ligado com alguém que se escolheu. A amizade é a primeira forma de relação de amor, uma forma de conhecimento e de exploração do mistério do outro. Como todas as etapas do amor, uma relação de casal equilibrado, esta destina-se a durar toda a vida, a tornar-se partilha dos centros de interesse, cumplicidade.

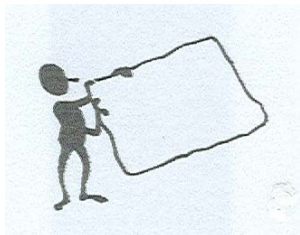
O *eros*, a atracção física pelo outro, é um factor muito forte da relação, com uma eficácia e uma força criativa capaz de libertar uma energia poderosa. De todas as formas de comunicação e de amor, é a única exclusivamente específica do casal, a ponto de ser uma dimensão constitutiva dele mesmo. O fundamento ético do *eros* é a sua natureza de força relacional: o *eros* é intrinsecamente bom e fecundo se é factor de relação conjugal, tendente à comunhão; torna-se imoral se é estranho ou contrário à relação, na vida conjugal, inclusive.

Se aprendermos a escolher, a praticar o discernimento, a não nos deixar viver, a formar o espírito, a fazer projectos, devemos fundar também a relação de casal num projecto a dois, um projecto para exprimir a partir dos nossos carismas, um projecto global de fecundidade aberto à geração dos filhos, ao acolhimento de filhos que não tenham nascido de nós, à presença generosa na sociedade na comunidade eclesial; um projecto de casal a renovar todos os dias, aberto aos sinais dos tempos, aos desafios que nos lança a actualidade da história, um projecto que procuraremos inscrever no misterioso Projecto do Pai.

### **Os fundamentos da relação conjugal**

A relação conjugal apoia-se na base da *reciprocidade*. A nossa necessidade de relação fundamenta-se justamente na nossa necessidade de obter uma resposta, de ser estimulado, de se deixar penetrar pelo amor. Uma relação de casal constrói-se pois mutuamente num projecto a dois. Mas a experiência dos limites espreita-nos. Somos marcados pelo sofrimento no insucesso de um projecto formulado – porque qualquer projecto do homem fica sempre aquém das exigências da vida (cf. Is 55,8-9) – marcados pelo fracasso, a partir do qual a vida pode e deve renascer, tal como a Igreja nasceu no momento em que tudo parecia perdido, ao pé da cruz. Assim o amor pelo parceiro, edificando-se e vivendo na reciprocidade, deve tomar as características da *oblação*, do *agapé*, da *aliança eterna* ((cf. Ef 5,25-32).

Viver a vida de casal na consciência de um chamamento à relação e, por conseguinte, à vida, como uma vocação à procura de Deus que nos fala através do outro, tal é a primeira condição para fazer do casamento um sacramento, quer dizer, um sinal eficaz, cheio de sentido, da existência de um Amor que é fonte e riqueza de todo o amor humano.



### ***Para reflectir sobre palavras humanas***

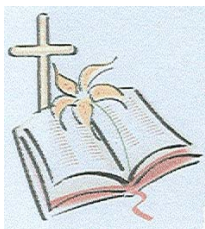
Eri De Luca, judeu laico, apresentou uma metáfora da vida a dois através da descrição de uma escalada da montanha:

- *Somos dois: numa vertente a escalar, dois é muito mais que o dobro de um. Ataco as vértebras inferiores do dorso da mula, perco o ar sobre asperezas viscosas, lanço a corda a tudo o que aparece, mesmo um resto de tronco que aí está há mais de cinquenta anos. Ultrapasso a dificuldade, ela segue, avança agilmente. Saídos dos velhos tectos, está agora mais tranquila. Alcança-me. Estamos numa chaminé partida que parece não acabar, dura e estreita. Subo, apoiando-me nos punhos e evitando a sua cabeça; o nosso duo distende-se de novo para desembrulhar a corda que nos liga; somos o mesmo animal que desliza, se afasta, se enrola à volta de um ponto de apoio e depois salta para cima. No alto da chaminé, perde o apoio, escorrega, agarra-se nervosamente e só lhe falta dizer: “aguenta-te”, claro que me mantenho firme, mas é inútil: ela, nem desta vez, se suspende da corda, consegue sozinha. Vamos direito ao alto onde a parede se inclina e a subida é menos evidente... Olhamo-nos de cara escorrendo. Saímos quase, mesmo se não vemos o cimo. Somos dois, o contrário de um e da sua solidão orgulhosa.*

Adria e Piero Gallo, casal que pertence a uma equipa abordam o tema da vocação à vida de casal, o dever deste de suscitar novas vocações:

- *O Movimento das Equipas de Nossa Senhora ajudou-nos a ser, como casal, um lugar de amadurecimento da nossa vocação, essencialmente ajudando-nos a tornar de facto casal. Ninguém nasce casal, torna-se. Tornar-se casal é o fruto de um caminho de formação permanente que nunca se pode dizer acabado. O que chamamos de perigos para o casal ameaçam-nos sempre: o casal fundido que tende a apagar a personalidade de cada um, o casal explorador que se propõe aproveitar das vantagens vindas e um outro, o casal aproveitador que se serve do outro para satisfazer as suas próprias expectativas, o casal fechado que procura construir uma família dobrada sobre os seus interesses e surda às necessidades da comunidade eclesial, do mundo e da história. O testemunho de tais casais não pode inspirar um caminho de vocação. Pelo contrário, os movimentos de espiritualidade conjugal (para nós trata-se das Equipas de Nossa Senhora) ajudam cada um dos esposos e entrar no caminho de uma vocação de casal. O casal começa o caminho da sua vocação de casal quando cada um dos esposos toma a cargo a vocação do outro, respeitando e depois valorizando a diferença do outro, favorecendo o seu desenvolvimento sem contrariar mas estimulando a plena realização. É assim que o casal vive em si mesmo a primeira experiência do caminho da sua vocação e, ao vivê-la, é sua testemunha junto dos filhos... O casal, sinal sacramental da aliança entre Deus e o seu povo, centro original da família. Pequena igreja doméstica, onde brilha a comunhão que vive em si mesma favorece nos filhos o caminho da sua vocação, incluindo a vida consagrada. Testemunha a vida de uma pequena comunidade, pequena igreja, onde reina a escuta, o amor oblativo, onde se pratica a atenção para com os seus membros mais fracos e mais pobres, onde se desenvolve o espírito de serviço ao mundo e à comunidade dos crentes. Aí nos encarregamos dos*

*mistérios precisos para criar uma comunidade de batizados que seja comunidade sacerdotal, sinal da esperança e de salvação para o mundo inteiro.*



***Para reflectir sobre a Palavra de Deus***

*I Samuel, 3,1-10*

O jovem Samuel servia o Senhor sobre a direcção de Eli; O Senhor, naquele tempo, falava raras vezes e as visões não eram frequentes. Ora, certo dia, aconteceu que Eli estava deitado – os seus olhos tinham enfraquecido e mal podia ver – a lâmpada de Deus ainda não se tinha apagado e Samuel repousava no templo do Senhor, onde se encontrava a arca de Deus. **O Senhor chamou Samuel. Ele respondeu: “Eis-me aqui!”** Samuel correu para junto de Eli e disse-lhe: “Aqui estou, pois me chamaste!” Disse-lhe Eli: “Não te chamei, meu filho; volta a deitar-te.” O Senhor chamou de novo Samuel. Este levantou-se e veio dizer a Eli: “Aqui estou, pois me chamaste.” Eli respondeu: “Não te chamei, meu filho, volta a deitar-te.” Samuel ainda não conhecia o Senhor, pois até então nunca se lhe tinha manifestado a palavra do Senhor. Pela terceira vez, o Senhor chamou Samuel, que se levantou e foi ter com Eli: “Aqui estou, pois me chamaste.” Compreendeu Eli que era o Senhor quem chamava o menino e disse a Samuel: “Vai e volta a deitar-te. Se fores chamado outra vez, responde: “Fala, Senhor, o teu servo escuta!” Voltou Samuel e deitou-se. Veio o Senhor, pôs-se junto dele e chamou-o, como das outras vezes: “Samuel! Samuel!” E Samuel respondeu: “Fala, Senhor, o teu servo escuta!”

*Cântico dos Cânticos 28-9<sup>a</sup>.10-14; 8,6-7*

A voz do meu amado! Ei-lo que chega  
correndo pelos montes,  
saltando sobre as colinas.  
O meu amado é semelhante a um gamo  
ou a um filhote de gazela.

O meu amado ergue a voz e diz-me:  
Levanta-te! Vem daí,  
ó minha bela amada!  
Eis que o Inverno passou,  
a chuva parou e foi-se embora;  
despontam as flores na terra,  
chegou o tempo das canções  
e a voz da rola  
já se ouve na nossa terra;  
a figueira faz brotar os seus figos  
e as vinhas floridas exalam perfume.  
Levanta-te! Vem daí  
ó minha bela amada!  
Minha pomba nas fendas do rochedo,

no escondido dos penhascos,  
deixa-me ver o teu rosto,  
deixa-me ouvir a tua voz.  
pois a tua voz é doce  
e o teu rosto encantador.

Grava-me como selo em teu coração,  
como selo no teu braço,  
porque forte como a morte é o amor,  
implacável como o abismo é a paixão;  
os seus ardores são chamas de fogo,  
são labaredas divinas.  
Nem as águas caudalosas conseguirão  
apagar o fogo do amor,  
nem as torrentes o podem submergir.  
Se alguém desse toda a riqueza da sua casa  
para comprar o amor,  
seria ainda tratado com desprezo.



### ***Questões para mim e para nós: o dever de se sentar***

- *Estou consciente de que a minha identidade tem as suas raízes nas relações vividas na minha infância? Recebi um amor gratuito? Quem me deu a “licença de viver”? Quais são as sombras e as claridades da minha identidade que posso ler como frutos da minha vida na minha família de origem?*
- *Recebi, na procura do meu parceiro, um chamamento à “diferença”, um caminho para a vocação? Quando nos casámos, estávamos conscientes de responder a um chamamento?*
- *Na marcha contínua para a construção da nossa vocação de casal, que riscos corremos nós? Conseguimos ser para o outro, a imagem do Outro? Conseguimos mostrar ao outro o rosto de Deus?*
- *A relação conjugal alimenta-se de reciprocidade, mas tende à gratuidade, à oblação. Este caminhar, que vai para a espiritualidade conjugal, implica que ultrapassemos os nossos projectos individuais e que nos entreguemos com confiança ao amor de Deus. Na nossa experiência pessoal e de casal, que papel tem a reciprocidade e a oblação?*



### ***Trocar, procurar, compreender juntos em equipa***

- *Como é que as trocas fraternais nos ajudaram a tomar consciência da nossa vocação conjugal?*
- *No meio social e eclesial em que vivemos, o que se faz ou deveríamos fazer para favorecer um encaminhamento de formação à vocação do casamento, para que os noivos cheguem a fazer o projecto da sua relação de casal no sentido da aliança conjugal no Senhor e se empenhem para um desenvolvimento harmonioso de uma relação de “philia, “eros” ou “agapé”?*

### **BIBLIOGRAFIA**

E. De Luca, *Il contrario di uno*, p.99-100. Feltrinelli, Milão, 2003.

A e P.Gallo, *Famiglia oggi: quale spazio per la maturazione vocazionale*, em *Collectif – Famiglia oggi e vocazione*, p. 110-113. Rogate, Roma, 1990.



## *Sexta reunião*

### **A resposta pessoal e a resposta do casal**

O casamento é um sacramento permanente, que se alimenta do amor dos esposos e da presença de Deus neles. O sim dos esposos não se esgota num só dia, mas tem de se actualizar ao longo de toda a vida conjugal. É pois necessário tomar mais consciência de que é preciso uma formação contínua para ser plenamente casal, para ser fecundo para além da paternidade biológica, para ser, enquanto casal, ministros e testemunhos do amor de Deus no meio social e eclesial em que vivemos.

### **Matrimónio, sacramento permanente**

Se o desejo de uma vida a dois, de uma relação exclusiva e fiel, é a resposta ao amor do casal, a escolha do matrimónio sacramental é a resposta a uma vocação específica: sentir-se parte permanente de uma Aliança eterna, a plena confiança num Amor e numa misericórdia sempre oferecidas. E o matrimónio é um sacramento, um sinal, uma ligação real com a aliança constantemente renovada entre Deus e o seu povo.

Mas, muitas vezes, sobretudo nestes últimos anos, tende-se a confundir o próprio sacramento – que só pode ser um processo permanente, que dura toda a vida dos esposos e muitas vezes continua a sua eficácia na memória para lá da morte – com a sua celebração que é o empenhamento solene do casal e da comunidade, mas que não esgota em nada a eficácia do sinal constituído pela comunhão oblativa do casal.

Outros tempos fortes, celebrações públicas, podem ser marcantes na vida de um casal: aniversários de casamento, baptismo dos filhos, celebrações litúrgicas em que se renovam as promessas do casamento. Mas a liturgia da vida do casal e portanto do sacramento do matrimónio é uma liturgia mais laica, doméstica e quotidiana do que religiosa, pública e festiva. Quando um casal convida amigos para jantar e partilha com eles a sua mesa, celebra o matrimónio como sacramento da hospitalidade; esposos que participam juntos na vida da sociedade e da comunidade eclesial, para dar testemunho de que a comunhão é possível, celebram o sacramento do matrimónio; esposos cansados que velam o sono dos seus filhos testemunham o seu amor e celebram assim o sacramento do matrimónio; dois esposos que se escutam, se acolhem mutuamente, se despem um diante do outro, comprometem a sua vida na comunhão e na harmonia física dos corpos, estão a celebrar o sacramento do seu matrimónio. O altar deste sacramento não é abstracto e metafórico, mas é a mesa da cozinha à volta da qual a família se reúne e o leito do quarto dos esposos onde celebram o seu amor.

### **Formação permanente**

Se o matrimónio é um sacramento permanente que faz brilhar o Amor de Deus para toda a vida dos esposos, então o tempo da preparação para o matrimónio proposto aos noivos é perfeitamente muito pouco; é necessário que os esposos sigam um caminho de formação permanente, um itinerário francamente progressivo mas que nunca se pode dizer verdadeiramente terminado.

A actualidade pastoral na Igreja, caracterizada pela atenção dada à celebração dos sacramentos mais do que à formação, deixa muitas vezes os esposos sem apoio. Movimentos como as Equipas de Nossa Senhora são uma ajuda preciosa aos esposos, acompanhando-os, seguindo uma pedagogia progressiva e exigente, num itinerário de *formação contínua* e orienta-os no caminho da *perfeição*, graças ao acolhimento de uma pequena comunidade.

### *A fecundidade do casal*

É evidente que a formação não é um fim em si, mas um processo que abre necessariamente à fecundidade.

Quando se fala de fecundidade do casal, pensa-se primeiro, espontaneamente, na *fecundidade biológica*, na procriação dos filhos. Conceber filhos parece ser uma consequência evidente e natural da vida de um casal. Até ao princípio do século XX, a esperança de vida era tão curta, que a vida a dois, a relação conjugal, acabava muitas vezes por coincidir com a procriação e a educação dos filhos, ao ponto de suscitar o equívoco de que tal era a única finalidade da relação do casal. O aumento considerável da duração da vida tornou mais evidente o facto de que a vida conjugal conhece períodos diferentes, todos ligados num processo de *construção permanente duma relação vital*, de uma comunhão que é o fim último da vida a dois, e que brilha e transmite vida sob formas diferentes da fecundidade: não só a procriação dos filhos, mas também a *abertura* generosa da família à *adoção* e ao apadrinhamento: o *apoio* delicado e contínuo aos *pais idosos* e dependentes; a *fecundidade social e eclesial*, pela qual o casal “exporta” para a sociedade e para a Igreja onde vive, a sua maneira de acolher o outro, a sua abertura natural à escuta e ao diálogo, a sua capacidade de criar trocas vivas, o seu hábito de procurar generosamente o bem comum ultrapassando o interesse individual. O casal não esvazia de sentido o projecto do indivíduo, mas supõe que objectivos e escolhas comuns sejam formulados claramente. Todo o casal, a partir da sua história ou do contexto particular em que vive, e a partir da sua criatividade, saberá elaborar um *projecto de fecundidade* inédito que lhe seja próprio.

### *A fecundidade: um dom a transmitir*

A consciência de ser um pequeno elemento na criação, faz compreender que, na realidade, não somos nós próprios a origem da vida; nós só podemos transmiti-la. O que é pedido ao casal não é que seja fecundo, mas antes que se torne terra fértil. Deus e a sua Palavra é que são fecundos (cf. Is 55,10-11) mas, pela lei da encarnação, a Palavra só consegue exprimir a sua fecundidade quando cai na terra fértil da história que atingiu a maturidade, na plenitude dos sinais dos tempos (cf. Lc 8,5-8; 11-15). O mesmo acontece no casal: é o amor de Deus, é o amor que une os esposos que é fecundo, e o casal torna-se, por sua vez, terra fértil pela sua capacidade de exprimir, por frutos concretos, o amor que o penetra e o anima. O mundo tem uma necessidade dramática e urgente de casais fecundos, mas devemos todos sentir-nos empenhados em tornar a terra fértil para acolher os dons sempre mais ricos que a vida nos faz; é-nos pedido de maneira sempre mais exigente que acolhamos esses dons para que a humanidade vença hoje os desafios mais entusiasmantes, aproveite possibilidades inéditas de relações, de comunhão, de prosperidade e de paz, e ao mesmo tempo enfrente os perigos mais inquietantes que, pela primeira vez, põem em causa a nossa própria presença no planeta.

### *O ministério do casal*

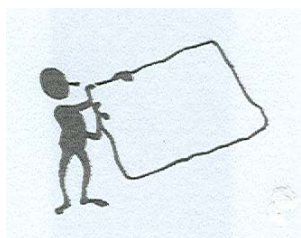
Entre o casal e a comunidade eclesial, é preciso que exista uma *relação recíproca*. A comunidade deve testemunhar a sua fé no casal e o casal deve fazer a comunidade aproveitar dos seus dons, e nela desenvolver os seus carismas específicos. Os leigos casados podem realizar uma

missão original de *fecundidade eclesial*. O papel do casal no testemunho da fé e na evangelização ultrapassa o apoio – precioso, é verdade – que o casal pode trazer àqueles que escolhem o *celibato para o Reino*, dando-lhes o calor da relação familiar, e a possibilidade de trocas abertas: o casal tem uma missão própria de evangelização, em que põe ao serviço os seus próprios carismas, seguindo a tradição inaugurada pelos primeiros casais cristãos (cf. At 18,1-3; 11; 18-21; 24-28).

O casal pode realizar a sua missão eclesial testemunhando valores que o caracterizam: o acolhimento, a valorização das diferenças; uma comunidade eclesial disposta a receber plenamente os valores que o casal testemunha poderia chegar a partilhar plenamente as responsabilidades e os ministérios.

A resposta à nossa vocação conjugal já não comporta então somente a vida a dois, alimentada pelo amor de Deus, mas consiste em tornar esse amor capaz de suscitar e de alimentar várias outras formas de vida que encontram justamente a sua fonte no amor conjugal.

Reler a sua experiência à luz da Palavra de Deus, elaborar uma teologia do casal que parte da sua própria experiência, viver a conjugalidade como uma vocação especificamente sacramental, responder ao chamamento do Pai por um “sim” constante ao amor que abre horizontes sempre novos: aí estão elementos de resposta à nossa vocação de casal.



### ***Para reflectir sobre palavras humanas***

Mercedes Gomez-Ferrer, no seu livro “*Uma voz de mulher*” (pag 83-84) lembra as razões que a levaram com Álvaro a empreender o caminho das ENS e a empenhar-se durante anos a dar o melhor deles mesmos em numerosos serviços do Movimento:

- *Havia duas coisas que nós procurávamos nas equipas: primeiro, aprofundar juntos a nossa vida de fé – não queríamos avançar separados; depois, ser feliz em casal.*

*Na verdade, foi uma circunstância muito humana que nos decidiu a dar o passo. Um domingo, toda a família estava reunida numa casa de campo. Sabíamos que um dos casais da nossa família pertencia às ENS. Enquanto esperava a hora da refeição, esse casal afastou-se dos outros para dar um pequeno passeio entre as laranjeiras em flor. Álvaro e eu, noivos ainda, passeávamos também, atrás deles, a uma certa distância. A dado momento, eles pararam e abraçaram-se apaixonadamente. Este sinal concreto, dado depois de cinco anos de casamento, encantou-me, e lembro-me de ter pensado que, talvez, as equipas não fossem estranhas a esta relação de amor que permanecia viva...As coisas mais importantes da vida são por vezes tão simples como isso.*

***O que encontramos nós dentro das Equipas de Nossa Senhora? As duas coisas que procurávamos: crescer no nosso amor de casal e aprofundar a nossa fé.***

*Mas, encontramos também outra coisa, da qual não tínhamos ainda sabido descobrir a importância: a necessidade da ajuda mútua no caminho da fé. Um ser humano não pode progredir sozinho. Um casal também não. A evangelização faz-se em comunidade porque o Evangelho é um caminho de vida. Em comunidade, reconhecemos os nossos limites e as nossas riquezas, aprendemos a andar a um passo diferente do nosso, a não julgar os outros*

*definitivamente a encontrar um equilíbrio entre progressistas e conservadores, a descobrir o rosto amigo do sacerdote, a ser mais realistas sem contudo perder a esperança. Em suma, podemos compreender melhor, porque o experimentámos, que a Igreja é comunidade de comunidades.*

Extracto do “Segundo Fôlego”, reflexão do Movimento das ENS depois do encontro de Lurdes em 1988:

- *3.1 As Equipas de Nossa Senhora são uma escola de **formação** para os lares. Não se trata somente de aprofundar os conhecimentos da nossa fé, mas de praticar o discernimento humano e cristão, que ocupa tanto a razão como o coração, na procura de uma coerência mais forte entre a fé e a vida.*

*Este discernimento alimenta-se de várias fontes: o estudo do “tema” em casal e em equipa, a leitura dos documentos do Movimento, as sessões de formação, os retiros, o aprofundamento das orientações de formação periódicas propostas pelo Movimento. Esta formação é uma busca pessoal, conjugal e comunitária que se vive na preferência dos sacramentos e muito especialmente da Eucaristia, numa abertura progressiva à oração, na escuta da Palavra de Deus e na **leitura atenta dos sinais dos tempos**.*

*Esta formação interpela-nos, ajuda-nos a interpretar os desígnios de Deus sobre o nosso lar e convida-nos a ajustar a nossa vida conjugal, familiar e profissional aos valores do Evangelho. Fazer compreender o **sentido cristão do trabalho do homem e da mulher no plano de Deus**, não dissociar as exigências da moral privada das da moral social, continuam ainda objectivos a atingir.*

*3.2 [...] Os lares praticam estes meios tendo em conta três linhas orientadoras:*

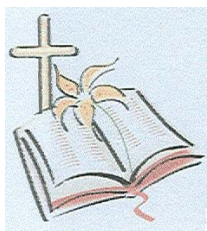
*- A progressão: o Senhor aceita-nos exactamente onde estamos. Não se trata de queimar etapas e de forçar os tempos; trata-se de querer progredir a partir da situação em que cada um se encontra;*

*- A personalização: o mesmo ritmo não é possível para todos porque o caminho é ao mesmo tempo pessoal e próprio do casal. Os meios concretos devem ter um efeito de desencorajamento mas, ao contrário, o de nos inspirar e nos ajudar ao longo da nossa vida;*

*- O esforço: tal como não há amor sem momentos de encontro nem oração sem momento forte de escuta e diálogo, também não há conversão pessoal e em casal sem a decisão de fazer passar os nossos desejos um pouco difusos de progresso ao concreto de acções bem determinadas que mudarão a nossa vida e nos construirão pouco a pouco.*

*4.1. [...] Sejamos inventivos e partilhemos no sentido da entreaajuda estas experiências que querem ir “mais longe” para que o Movimento possa responder a uma aspiração real sem que os casais sintam a necessidade de ir buscar fora.*

*O nosso Movimento teve sempre a preocupação de dar elementos de referência e de discernimento para a formação dos lares. Permanecendo responsáveis e livres, eles devem ser apoiados na sua procura para compreender a palavra de Deus face aos sinais dos tempos. Isto exige uma formação permanente e uma procura actualizada para exprimir as realidades da fé numa linguagem acessível.*



***Para reflectir sobre a Palavra de Deus***

*Actos dos Apóstolos, 18,1-4; 18-21;24-26*

Paulo afastou-se de Atenas e foi para Corinto. Encontrou aí um judeu chamado Áquila, natural do Ponto, recentemente chegado da Itália com Priscila, sua mulher, porque um édito de Cláudio ordenara que todos os judeus se afastassem de Roma. Paulo foi procurá-los e, como eram da mesma profissão – isto é fabricante de tendas – ficou em casa deles e começou a trabalhar. Todos os sábados, dissertava na sinagoga e esforçava-se por convencer, tanto a judeus como a gregos. Paulo ficou ainda um certo tempo em Corinto, depois despediu-se dos seus irmãos e embarcou para a Síria com Priscila e Áquila. Aí mandou rapar a cabeça em Cêncreas, por causa de um voto que tinha feito. Chergaram a Éfeso, onde se separou dos seus companheiros e foi à sinagoga falar com os judeus. Estes pediram-lhe que ficasse mais tempo com eles, mas ele não acedeu. Porém despedindo-se, disse-lhes: Voltarei novamente a ter convosco, se Deus quiser. E partiu para Éfeso.

Um judeu chamado Apolo, natural de Alexandria, tinha chegado a Éfeso. Era um homem eloquente e muito versado nas Escrituras. Fora instruído na via do Senhor e, com o espírito cheio de fervor, pregava e ensinava com precisão o que dizia respeito a Jesus, embora só conhecesse o baptismo de João. Começou a falar desassombradamente na sinagoga. Priscila e Áquila que o tinham ouvido, tomaram-no consigo e expuseram-lhe, com mais precisão, a via do Senhor.

*Romanos, 16,3-4*

Saudai Prisca e Áquila, meus colaboradores em Cristo Jesus, pessoas que, para me salvar, expuseram a sua cabeça. Não sou apenas eu a estar-lhes agradecido, mas todas as igrejas dos gentios. Saudai também a igreja que se reúne em casa deles.

*Marcos, 6,6-7*

Jesus percorria as aldeias vizinhas a ensinar. Chamou os Doze, começou a enviá-los dois a dois e deu-lhes poder sobre os espíritos malignos. Ordenou-lhes que nada levassem para o caminho, a não ser um cajado; nem pão, nem alforge, nem dinheiro no cinto.



### ***Questões para mim e para nós: o dever de se sentar***

- *A resposta ao apelo de Deus para nos amarmos, entendem-na vivendo o vosso casamento na dimensão de “sacramento permanente”, como testemunho constante de que um amor humano é possível e capaz de ser sinal do Amor de Deus?*
- *Quando casámos, formulámos um projecto de fecundidade? Se as nossas respostas a Deus, que nos chama, se encontram também nos frutos que o nosso amor é capaz de dar, que fecundidade julgamos nós ter realizado? A que fecundidade nos sentimos chamados na presente etapa da nossa vida de casal?*
- *Que ajudas nos vieram do Movimento das ENS e da sua pedagogia para responder aos apelos da nossa vocação conjugal?*



### ***Trocar, procurar, compreender juntos em equipa***

- *O que pedimos nós à pedagogia das ENS nesta época da nossa vida de casal e de equipa?*
- *Permanecendo fiéis aos carismas originais do Movimento como deveria evoluir a pedagogia das ENS para poder responder às necessidades dos casais de hoje?*
- *Que mistérios eclesiais vos podem ser acessíveis? A equipa ajuda-vos a praticar discernimento? Encoraja-vos a tornar-vos disponíveis para o serviço?*

### **BIBLIOGRAFIA**

ENAS, O segundo fôlego, 1988.

M. Gomez-Ferrer, *Une voix de femme*, Ed. du Cerf, Paris, 2001.

## *Sétima reunião*

### **Acolher o outro para acolher o Senhor**

O nosso desejo de conhecer Deus, de lhe rezar, de entrar na sua “intimidade” não pode ser realizado senão pelo encontro com Cristo. Cristo dá-nos Deus, Cristo é Deus. Quando o apóstolo Filipe pede a Jesus: “Mostra-nos o Pai”, Jesus responde-lhe: “Quem me vê, vê o Pai” (Jo 14,8). O Senhor Deus torna-se constantemente próximo de nós pelo seu Filho e nós podemos realmente encontrá-lo sempre que, acolhendo cada um dos nossos irmãos ou qualquer outra pessoa que nos é próxima, reconhecemos no seu rosto o rosto do Outro absoluto, o rosto de Deus.

O homem criado originalmente à imagem de Deus não é certamente como Deus, mas tem qualquer coisa da sua essência, ele reflecte Deus ele porque é a imagem de Deus que é relação.

De facto, o homem descobre-se a si próprio a partir do momento em que outro ser humano o acolhe; ele grita de alegria quando descobre que não está só, que tem perto de si alguém que lhe é semelhante. O homem só se descobre pois, só se reconhece, só é ele mesmo e só se desenvolve, na relação com Deus e com os outros. Ao contrário, a solidão é a sua morte espiritual e física.

A relação habitua ao dom de si, pelo qual o homem encontra e exprime a plenitude do seu ser e da sua existência, pelo qual aprende a conceber a vida como um dom e como qualquer coisa que lhe pertence unicamente, mas também a outro que lhe dá todo o sentido.

Nós nascemos do mistério do encontro de amor de outras pessoas que nos deram a vida; e permanecemos vivos graças ao ar que respiramos gratuitamente para os nossos pulmões. Esse ar não é só um elemento natural vital, mas, simbolicamente, é também alimento da alma, do coração e do espírito.

O Outro absoluto, Deus, vive também de uma relação de acolhimento não só em relação ao homem, mas também em si próprio. Ele é Pai e Mãe, tal como nos lembrava o Papa João Paulo I; é Filho, e um Amor tão poderoso e misterioso que é personificado no Espírito.

Filipe pediu a Jesus: mostra-nos o Pai. Jesus respondeu-lhe: quem me vê, vê o Pai (Jo 14,8). Ver Jesus, o homem Jesus, Filho de Deus, quer dizer ver Deus. Quer dizer que temos a possibilidade, na nossa natureza de homens, de entrar na forte e feliz relação trinitária.

Uma das “Palavras muçulmanas sobre Cristo”, reproduzidas num caderno da revista de teologia Concilium (2003) diz: Jesus encontrou um homem e perguntou-lhe: “Que estás a fazer?” O homem respondeu-lhe: “Consagro-me a Deus”. Jesus perguntou-lhe: “Quem toma conta de ti?”, “O meu irmão”, respondeu o homem. Jesus disse-lhe: “O teu irmão ama mais a Deus do que tu”.

Procurar Deus sem tomar em conta o homem, é uma falsa pista histórica, religiosa e espiritual. Não se chega a Deus fechando os olhos às necessidades do nosso irmão. No relato do julgamento final, Jesus recorda-no-lo sem equívocos. Quando é que vimos Jesus? Quando encontrámos e acolhemos o que estava doente, o que estava preso, o que tinha fome ou sede?

### **Quando acaba a noite**

Um rabino tinha o costume de perguntar ao seu discípulo: “Quando acaba a noite e começa o dia?” O discípulo dava diferentes respostas, mas sempre insatisfatórias. Enfim, desencorajado, ele pediu ao mestre que desse a resposta certa. E o rabino disse-lhe: “Quando tu vês no rosto do outro, o rosto do teu irmão, é então que termina a noite e começa o dia.”

Era preciso olhar olhos nos olhos muito mais vezes. O mundo perde um pouco da sua noite e recebe mais luz do sol cada vez que as pessoas conseguem aceitar-se mutuamente, com as suas belezas e as suas misérias. E isso não é possível se nos encontramos e não nos examinamos no mais profundo da alma.

Todo o encontro entre dois seres humanos nasce num olhar, mas o olhar, para ser autêntico, precisa de silêncio. A inflação de palavras, em cascata violenta e ruidosa ou até delicada e sugestiva, nunca substituirá o silêncio mágico de um olhar.

### **Do medo ao acolhimento confiante**

É o medo que nos impede de conhecer as nossas capacidades, de crescer e viver fraternalmente. Pode-se ter medo dos homens, mas também de Deus quando Ele nos conduz por caminhos desconhecidos. Pensemos no medo de Maria diante do anjo que lhe propõe ser a Mãe de Deus. Do medo do outro nascem todos os obstáculos ao encontro com os outros; por causa do medo do outro, os cristãos esquecem muitas vezes que Deus se fez homem e quer salvar todos os homens, sem distinção de raça e de religião.

Quando se partilha tal momento, tal situação, torna-se possível ultrapassar a aparência do outro. Muitas vezes nós detemo-nos à superfície das coisas e das pessoas, e não chegamos a dar-nos conta do que escondem. Não chegamos a encontrar o tesouro que existe no outro.

### **O rosto do homem e o rosto de Deus**

Em suma o rosto do homem é o rosto de Deus. É a maneira como o Senhor vem ao encontro da nossa liberdade e realiza o seu projecto sobre nós: no sim que nós dizemos sobretudo aos acontecimentos, porque o tecido dos nossos dias é feito de acontecimentos e factos muitas vezes de aparência banal: e é normalmente através destes acontecimentos que o Senhor se torna presente na nossa vida, não nos nossos projectos, imaginações ou sentimentos mais ou menos luminosos e volúveis. E os acontecimentos tomam a fisionomia bem precisa dos rostos dos homens e da sua história. Como o Natal nos recorda, o nosso Deus é um “Deus feito carne” que, para nos encontrar quer entrar fisicamente na história; pelo desenrolar destes acontecimentos, Ele quis juntar-se à nossa vida, de todos. O cristianismo é uma religião incarnada, que crê num Deus que se fez menino pobre numa gruta da Judeia e que foi crucificado como malfeitor na cidade que os judeus acreditavam habitada por outro Deus.

Se acreditamos nesse Deus, faremos a experiência de uma amizade que se torna comunhão, comunidade cristã, elemento de um mundo novo de traços diferentes de todos os outros. A nossa fé fez-se “carne”, corpo de Cristo que pode ser encontrado e “tocado” por todos, em todos os lugares, mesmo nos que são aparentemente mais hostis e mais afastados. Quando pensamos nisso, como é grandioso! Nos encontros que temos, nós não encontramos só Marco, António, Joana, Sara ou quem quer que seja, mas encontramos Jesus, graças à sua presença entre nós na nossa comunhão. Esse é o instrumento que o Senhor escolheu para encontrar o homem: não cursos bíblicos ou teológicos, eloquência ou sabedoria, qualidades pessoais ou consistência moral, mas a comunhão com os que se reconhecem nele que se torna presente e se deixa encontrar em todos os meios.

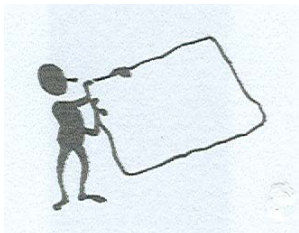
### **Os outros mais próximos**

O primeiro livro da Bíblia revela-nos que o casal é o espaço em que a diferença manifesta mais a sua maior capacidade de desenvolvimento no ser humano: no casal, de facto, no amor conjugal, vive-se cada dia o encontro com o outro e com a diferença.



Para muitos casais também, há um outro por excelência, o filho. Tagore lembra-nos que “toda a criança que nasce traz-nos a boa nova de que Deus ainda não se cansou dos homens”, ou então que pelos nossos filhos, Deus quis dizer-nos qualquer coisa, quis amar-nos de uma forma singular. Os filhos dizem-nos também muito de nós mesmos: são o espelho dos nossos limites, por vezes dos nossos insucessos e das nossas frustrações; eles são flechas com as quais abrimos o espaço e o tempo para entrar onde não poderíamos chegar numa só vida.

E, não são sem conta aqueles que nos apresentam o rosto de Deus? E em quantos rostos podemos nós ler a pergunta de Cristo: “Quem dizeis vós que eu sou?”



### ***Para reflectir sobre palavras humanas***

Espiritualidade popular indiana: “*A mangueira*” (para um indiano, o paraíso é inconcebível sem manga):

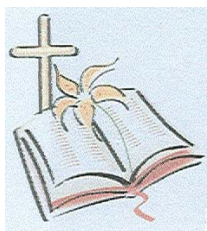
- *Um velho cava a terra do seu jardim: “Que estás a fazer?” perguntam-lhe. “Estou a plantar uma mangueira”, respondeu ele. “Pensas que vais comer os frutos dela?”, responderam-lhe. Mas ele replica: “Não, não viverei tempo suficiente para saborear os seus frutos, mas outros sim. E eu, toda a vida comi frutos de árvores plantadas por outros”.*

Ambrósio, bispo de Milão, no século IV.

- *O bem dos vossos filhos será o que eles próprios tiverem escolhido: não sonheis ver realizados neles os vossos desejos. Bastará que saibam amar o bem e defender-se do mal, e que tenham horror à mentira. Não pretendais pois desenhar o seu futuro; sede antes orgulhosos de eles tomarem o seu futuro nas mãos, mesmo quando vos parecer que eles vos esquecem. Não encorajeis ingénuas ideias de grandeza, mas se Deus os chamar a fazer qualquer coisa de bom e grande, não sejais obstáculos que os impeçam de voar. Não vos arrogueis o direito de tomar decisões por eles, mas ajudai-os a compreender que é preciso escolher e que não devemos admirar-nos se o que eles amam exige esforço e por vezes faz sofrer, porque não se pode suportar uma vida vivida para nada. Mais do que os vossos conselhos, é a estima que eles têm por vós e a estima que vós tendes por eles que os ajudará; mais do que por mil recomendações esmagadoras, eles serão ajudados pelos gestos que tiverem visto em casa. [...] Todos os discursos sobre a caridade não me ensinarão mais do que o gesto da minha mãe que manda entrar um vagabundo cheio de fome; e não conheço melhor gesto para mostrar o orgulho de ser homem do que quando o meu pai vai defender um homem acusado injustamente. Que os vossos filhos vivam em vossa casa no bem-estar que põe à vontade e encoraja a sair de casa, porque ele põe em ti a confiança de Deus e o gosto de uma vida bem vivida.*

Arturo Paoli, irmãozinho de Charles Foucauld, nascido em Lucques (Itália), em 1912, passou a maior parte da sua vida nos países da América do Sul, Venezuela, Argentina, Brasil, partilhando a vida difícil dos mais pobres e mais deserdados:

- *Pensem num homem que, na sua peregrinação através do mundo dos homens, se encarregou de todas as misérias que encontrou, que não pôde dar resposta ao porquê de tanta miséria, a ponto de se tornar duro e se afastar do Deus das suas orações habituais. Um dia, no deserto da sua alma entra um fogo devorador, de repente, sem ser esperado. Esse fogo, ainda sem nome, abraça-o com os laços mais estreitos que pode haver, torna-o obediente e passivo, e, ao mesmo tempo, leva-o atrás de si, sempre para os Outros. Ele não lhe chama Deus a quem rezou toda a vida; esse fogo é o Deus que desce, que vem ao seu encontro, que o manda para os outros. O outro é a sua religião, o seu amor por Deus, é a sua obediência a Deus, é o “aqui estou” que é a última palavra que o eu pronuncia antes de se consumir no fogo.*



### ***Para reflectir sobre a Palavra de Deus***

*Mateus, 25,34-40*

O Rei dirá então aos da sua direita: “Vinde benditos do meu Pai! Recebei em herança o Reino que vos está preparado desde a criação do mundo. Porque tive fome e destes-me de comer, tive sede e destes-me de beber, era peregrino e recolhestes-me, estava nu e destes-me que vestir, adoeci e visitastes-me, estive na prisão e fostes ter comigo. Então os justos vão responder-lhe: “Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, ou com sede e te demos de beber? Peregrino e te recolhemos, ou nu e te vestimos, doente ou na prisão e fomos visitar-te? E o Rei vai dizer-lhes, em resposta: Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes”.

## ***Oração***

### ***Oração “nua” de Juan Árias***

Senhor, queria também fazer a minha oração. Uma oração que tem só uma palavra: os outros. Não é por generosidade; é uma necessidade vital. Sem os outros, eu estou morto, sou um sonho, uma sombra, não sou nada. São os outros que me revelam melhor a realidade que eu sou. São eles, meu Deus, e eles são eu próprio.

Entre os outros, Senhor, há os que dormem, os que desesperam, os que têm fome e ainda os escravos. Para eles eu quero ser grito, esperança, pão e liberdade.

Há entre eles os que têm sede de qualquer justiça e fé em qualquer gesto humano.

Eu quero dar-lhes a mão e caminhar com eles, sem nada perguntar. [...]

Eles estão no meu barco, sonham com a mesma praia mesmo que nem todos lhe dêem o mesmo nome; e falam a mesma língua: a que quer libertar todo o homem de qualquer escravidão.

Se houver junto de mim um deles, cujos olhos já brilham com a luz dos ressuscitados, repartiremos os dois os primeiros frutos da vida; o crepúsculo confundir-se-á com a aurora; não haverá diferenças entre o sol e a neve e até os figos serão eucaristia.

E nós seremos verdadeiramente Tu.

Mas porque tem de ser assim, e porquê, por minha necessidade ou vontade fiz eu tudo isto, Senhor? Comprometo-me a inventar cada dia novas maneiras de fazer mais; mas queria oferecer aos outros a possibilidade de me pedirem o que quereriam que eu faça para os ajudar a libertar-se.

Queria, Senhor, nunca perder a coragem de manter a minha porta aberta a qualquer pedido humano que possa servir ao crescimento do homem. Sinto que só assim a esperança do meu crescimento poderá ter sentido e eu poderei perguntar-to sem corar.



### ***Questões para mim e para nós: o dever de se sentar***

- *Quais são em nós os sentimentos dominantes: medo, isolamento, confiança, acolhimento?*
- *Quem me acolheu, mesmo parcialmente? Quando é que eu soube acolher, mesmo parcialmente? Quem é que eu não acolhi? Quando é que eu não soube fazer-me receber?*
- *Que pessoas nos acolheram como casal? Que pessoas acolhemos nós como casal?*
- *E sobretudo, apercebi-me eu, nós, da presença concreta do Senhor na outra pessoa que eu ou nós encontramos?*



### ***Trocar, procurar, compreender juntos em equipa***

- *Que pensamos nós da situação actual e do futuro dos nossos filhos? Com que objectivos os educamos nós?*
- *Em equipa, como nos sentimos recebidos como pessoas e como casal? Como acolhemos nós os outros membros da equipa? E os outros que não são da equipa?*
- *Como é que a nossa equipa incarna a fé em Jesus de Nazaré, Cristo, Filho de Deus, Salvador da humanidade? Como a anunciamos nós?*
- *O homem de amanhã chegará a tornar-se homem “para” os outros, homem de responsabilidades para com todos os outros que habitam o nosso planeta?*

### **BIBLIOGRAFIA**

Juan Árias, *Prière nue*, 2ª ed. Assise, Cittadella, 1971.

Francesco Grasselli, *Famiglie e missione*, Bolonha, EMI, 2002.

João Paulo II, *Homem e mulher ele os criou, uma espiritualidade do corpo*, Catequese sobre o amor e a sexualidade. Paris, Cerf, 2004.

Arturo Paoli, *Della mística discorde: l'impegno como contemplazione*. Molfetta, La meridiana, 2002.

## *Oitava reunião*

### **“Quem dizem os homens que eu sou? – “Tu és Cristo, o Filho de Deus”**

Se cumprirmos o caminho da nossa maturidade humana, se formos até ao fim do caminho da fé, então nós poderemos responder à pergunta de Jesus “E vós, quem dizeis que eu sou?”, em plena consciência, de maneira firme e com segurança: “Tu és Cristo, o Filho de Deus.”

A resposta que procuramos, não a podemos encontrar numa ideia, mas numa pessoa viva, Jesus Cristo, Salvador de todos os homens, modelo de vida para todo o ser humano. A resposta que procuramos, a que dá sentido a tudo o que vivemos, é Cristo que nos amou primeiro e que pede o mesmo a cada um de nós: amar, nada mais.

### **No fim destas reflexões...**

Completámos um percurso de reflexão para procurar responder, nós também, à pergunta de Cristo: “Quem dizeis vós que eu sou?”

Interrogámo-nos, em casal e em equipa, para encontrar as respostas susceptíveis de dar sentido à nossa fé, à nossa vocação conjugal, à nossa maneira de viver; vimos e compreendemos que um número cada vez maior de pessoas vive hoje num clima de grande incerteza devida às transformações rápidas de uma sociedade que perdeu a estabilidade tranquilizadora da época passada, ao mesmo tempo a nível económico com desequilíbrios sempre mais acentuados e inquietantes, e a nível social, civil mas também ético e religioso.

Esta incerteza cria a insegurança e o medo do tempo presente – o que vai ser de mim? -, do futuro – o que acontecerá aos meus filhos? – e, paradoxalmente, até pelo passado – enganei-me e em quê? – Depois de uma longa reflexão ao longo deste ano, as questões fundamentais do homem parecem ter de ficar sem resposta: Porque é que eu vivo? Donde venho e para onde vou? Existe um futuro possível fora daqui? E existe realmente um futuro no além? E, sobretudo, que sentido, que significado tem a minha existência?

E, olhando à nossa volta, temos de constatar mais claramente uma crise de família, que foi durante séculos um factor de estabilidade; vê-se tensões entre pais e filhos que recusam a experiência do passado, relações sexuais que nem sempre são vividas como relação de amor, confusões do papel do homem e da mulher, que, pelo menos em parte, conseguiu a sua emancipação; e, enfim, tensões no casal. Em particular, os pais parecem ter renunciado ao seu papel educativo justamente porque lhes falta confiança na vida que viveram e que estão a viver; os jovens parecem encarar o casamento com receio.

No mundo inteiro, muitos se perguntam se os costumes e as tradições herdadas do passado são valores de civilização, de sociabilidade, de pontos de apoio, ou se são herança de situações passadas que não temos mais razões de continuar. Mas, na realidade, será tudo isso negativo?

### ...há uma resposta...

Neste panorama tão negativo, podemos discernir, sempre mais conscientemente, uma resposta capaz de operar uma revolução na vida do crente: a resposta não se situa a nível das ideias, da ideologia; a resposta é um homem vivo, é Jesus Cristo.

É ele que revela o mistério da história do cosmos e de cada um de nós. O mistério desvendado é que, na raiz da evolução cósmica milenar que conduziu à aparição do homem na terra, há um Poder criador, Deus Pai, que não só faz existir o homem mas, mais, faz dele objecto de uma relação de amor tão intensa e radical que ele partilha no Filho, a condição humana “em tudo semelhante a nós excepto no pecado”; e que na Ressurreição do Filho prefigurou o nível de plenitude definitiva à qual todo o homem é chamado.

Assim Cristo é o centro da vida do crente, não só revelado mas também modelo de vida e salvador.

Jesus Cristo pode tornar-se o modelo de uma vida que vale a pena ser vivida, de uma vida cheia de sentido. Ele tem a resposta a todos os desejos de grandeza, de bondade, de eternidade, de infinito que estão no coração do homem. Ele salva-nos mesmo se o mal continua a existir em nós e no mundo, mesmo se a provação e o sofrimento nos atingem, mesmo se sabemos que a nossa vida acaba com a morte. Ele salva-nos porque a sua misericórdia nos mostra que o pecado é perdoado, porque nos ensina que o sofrimento e a prova são um destino marcado para sempre, e sobretudo salva-nos porque ressuscitou!

### Deus não nos salva sem nós

“O Deus que te criou sem ti não te salvará sem ti” (S. Agostinho). Considerar Cristo como modelo do homem querido e desejado por Deus, comporta a vontade, da nossa parte, de o seguir, tomando sobre nós os traços característicos que o fazem considerar um grande mestre da vida, mesmo em muitos não crentes.

Para os crentes, estes traços não são os que fizeram dele há dois mil anos o homem que, passando no mundo, deixou um traço indelével, mas são as características do homem Deus, vivo hoje, ontem e sempre, ele que realiza obras continuamente (“O meu Pai continua a realizar obras até agora, e Eu também continuo” Jo 5,17) para que a vida de cada homem seja divinizada, num sentido que ultrapassa os limites do tempo.

Jesus Cristo fez-se o que nós somos, afim de que nos tornemos no que Ele é; este é o ensinamento dos padres da Igreja. “Jesus Cristo fez-se homem afim de nos divinizar” (Athanasio); “o homem é uma criatura, mas uma criatura que recebeu ordem de se tornar Deus” (Basílio de Cesareia); “se Deus se tornou homem, o homem tornou-se Deus” (Cirilo de Alexandria); “nós somos divinizados por Jesus Cristo” (Gregório de Nazianze).

Mas, enquanto a obra de Deus, por Jesus Cristo, com o Espírito Santo, nunca falta, ao contrário a nossa resposta vigorosa, franca, segura, consciente, pode desfalecer: ela consiste no esforço de ser como ele. *“Resta aquele que nos amou primeiro, que se inclinou sobre a criatura tirada do nada, para participar livremente na plenitude divina; criatura chamada a viver não só para amar, mas para ser amada por sua vez. Estas duas linhas do amor – descendente e ascendente – juntam-se e confundem-se; uma desce como um raio de luz, outra sobe, como que brota de uma*

*fonte viva. E as duas atestam o milagre do amor anunciado pelo apóstolo João: de agora em diante nós somos filhos de Deus”.*<sup>1</sup>

### **A resposta indispensável do homem**

Digamos mais uma vez que a resposta do homem ao milagre do amor divino é necessária; e visto que nós temos um modelo, a resposta consiste em segui-lo, em tentar incarnar na nossa vida os traços característicos de Jesus que nós conhecemos pelos Evangelhos.

É antes de tudo o amor sem condições; temos exemplos disso, quando ele “se senta à mesa com publicanos e pecadores”, quando perdoa à mulher adúltera ao mesmo tempo que lhe ordena que não torne a pecar, quando conduz a Samaritana a uma introspecção que renova a sua vida. Mas centremo-nos nos traços característicos de Jesus que vão ao encontro das nossas necessidades de hoje:

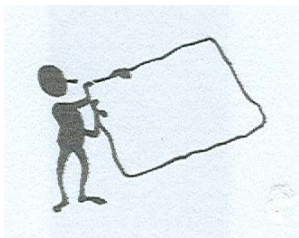
- Jesus Cristo é servido por amor: “O Filho de Deus não veio para ser servido mas para servir e dar a sua vida para resgatar a multidão” (Mt 20,28).
- Ele é o mestre que tem a autoridade: “As pessoas estavam admiradas porque ele falava com autoridade” que vinha do facto de proclamar a Verdade e propor uma escala de valores explícita nas Bem-Aventuranças, e que Ele testemunha na sua vida (Mc 1,22).
- Cristo é um homem livre em relação às normas, aos costumes, até à Lei que ele veio “completar”; ele não reduz a relação com Deus a um conjunto de ritos a observar, mas fá-la consistir na conversão do coração: “Convertei-vos e acreditai no Evangelho” (Mc 1,15).
- Ele acolhe toda a gente, vai ao encontro de todos; à sua volta respira-se um ar de família e ele convida-nos hoje a uma sociabilidade que se opõe aos contravalores do individualismo, que é sinal de egoísmo, de negação aos outros e que nega os valores que existem no coração do homem.

É essencial para nós, para estar vivos, pormo-nos ao serviço, ser credíveis estando de acordo com o Evangelho, ser livres de constrangimentos e condicionamentos do mundo, mas não libertos da lei do amor, ser acolhedores e abertos a todo o homem. Quando se está totalmente impregnado da lei do amor, é-se totalmente livre; livre também do medo e da insegurança que reinam entre os homens; livre ainda porque, paradoxalmente, totalmente servidor.

No amor pelos homens, confirmaremos o nosso amor pelo Pai e já não teremos medo de ouvir a interrogação: “Quem dizeis vós que eu sou?”, porque sabemos que Cristo é quem amou primeiro e espera de nós só uma resposta, a do Amor.

---

<sup>1</sup> Myrrha Lot Borodine (cf. bibliographie)



### ***Para reflectir sobre palavras humanas***

Enzo Bianchi, monge da Comunidade de Bose

*Porque Deus se fez homem?*

*A questão do motivo pelo qual Deus se fez homem, questão sempre recorrente ao longo dos séculos da fé cristã, recebeu no essencial uma só resposta, sob duas formas distintas e não contraditórias, no Oriente e no Ocidente. Na tradição oriental, impôs-se a fórmula de Athanase: “Deus fez-se homem para que o homem se torne Deus”, isto é, para que ele conheça a via da théosis, a divinização; enquanto no Ocidente se insistiu mais na acção salvadora realizada por Deus em Jesus; “Deus fez-se homem para salvar o homem”.*

*Mas se se aprofundar as duas respostas, estou convencido – e espero que ninguém se escandalizará – de que a resposta também pode ser dada assim: “Deus fez-se homem para que o homem se torne verdadeiramente homem!”.*

*Sim, Deus fez-se homem em Jesus de Nazaré para nos mostrar o homem autêntico, o homem verdadeiramente à sua imagem e semelhança, e nos ensinar assim a viver em plenitude, até conhecer, ousa dizê-lo, não só dias cheios de alegria, mas até de glória. Aliás, esse é o sentido da encarnação que nos é apresentado, sobretudo no quarto Evangelho: “O Verbo fez-se carne, habitou entre nós, e mostrou-nos a sua glória...” (Jo 1,14).*

Christian Duquoc

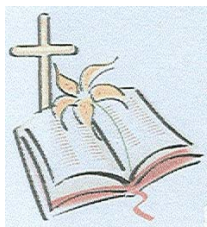
*“Jesus é Deus de um modo particular – como filho – e ser Deus assim não destrói o que ele foi, Jesus de Nazaré. Ao contrário, é no que ele foi humana e historicamente que se manifesta a nós “filho”, a tal ponto que não podemos alcançá-lo no seu ser divino por esquecimento do que ele foi. O que é original em Jesus, e que não cessamos de repetir, é que é filho de Deus num sentido que não é somente o da proximidade moral com Deus, mas de uma identidade misteriosa com a própria realidade de Deus, sem que esta destrua a sua vida histórica ou a torna insignificante. Pelo contrário, ele é reconhecido Filho, no fundamento da Ressurreição, não é contra a sua vida terrestre, é nela, porque só nela que se tornou palpável o sentido da sua filiação divina. Não é na manifestação do poder que reduz ao nada os seus adversários, nem na majestade do Julgamento que garante a justiça, nem na glória insuspeitada de Deus e dominando de um temor sagrado, mas numa personalidade, uma autoridade, uma liberdade de homem, no perdão, na escolha pelos respeitosos que ele é Filho de Deus. O que importa, é que Deus seja reconhecido precisamente aí, e não no poder irresistível, o temor sagrado, a permanência da ordem. A realidade de Deus não nos é acessível em si própria, é-nos tornada visível num rosto humano, o do Filho, Jesus”.*<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Christian DUQUOC, « Jésus homme libre » CERF 1975, p. 124,125



Jean Allemand

*Cristo é a Palavra de Deus incarnada, feita um de nós. Em toda a sua vida, pelos seus gestos, ensinamentos, paixão e morte, ele é Palavra de Deus aos homens. Cristo é a Palavra total, definitiva, insubstituível, que exprime Deus na perfeição. A Palavra de Deus não é antes de tudo um texto, mas uma Pessoa.*<sup>3</sup>



***Para reflectir sobre a Palavra de Deus***

*Jo 6,32-40*

Em Cafarnaúm, Jesus respondeu à multidão: “Em verdade, em verdade vos digo: Não foi Moisés que vos deu o Pão do Céu, mas é o meu Pai quem vos dá o verdadeiro Pão do Céu; pois, o pão de Deus, é aquele que desce do Céu e dá a vida ao mundo”: Disseram-lhe então: “O Senhor dá-nos sempre desse pão”. Respondeu-lhes Jesus: “Eu sou o pão da vida. Quem vem a mim não mais terá fome e quem crê em mim jamais terá sede. Mas já vo-lo disse: vós vistes-me e não credes. Todos os que o Pai me dá virão a mim; e quem vier a mim Eu não o rejeitarei, porque desci do Céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou. Ora a vontade do que me enviou é que Eu não perca nenhum daqueles que Ele me deu, mas o ressuscite no último dia. Sim, esta é a vontade do meu Pai: que todo aquele que vê o Filho e nele crê tenha a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia”.

*Isaiás, 55,1-11*

Ah! Vós todos que tendes sede, vinde beber desta água,  
mesmo o que não tendes dinheiro, vinde,  
comprai e comei; comprai sem pagar nada  
levai vinho e leite que é de graça.  
Porque gastais o vosso dinheiro no que não alimenta?  
E o vosso salário naquilo que não pode saciar-vos?  
Escutai-me, escutai-me e comereis o que é bom;  
e deliciar-vos-eis com pratos deliciosos.  
Prestai-me atenção e vinde a mim,  
escutai e vivereis.  
Farei convosco uma aliança eterna,  
realizarei a promessa feita a David.  
Fiz dele o meu testemunho para os povos  
um chefe e um soberano das nações.  
Chamarás um povo que nunca conhecestes  
um povo que não te conhecia, acorrerá a ti,  
por causa do Senhor, teu Deus,

<sup>3</sup> Jean Allemand “Prier 15 jours avec le Père Caffarel », p. 78

e do Santo de Israel, que te glorifica.  
 Buscai o Senhor, enquanto se pode encontrar,  
 invocai-o, enquanto está perto.  
 Deixe o ímpio os seus caminhos,  
 e o criminoso os seus projectos.  
 Volte-se para o Senhor que terá piedade dele,  
 para o nosso Deus, que é generoso em perdoar.  
 Os vossos planos não são os meus planos,  
 os meus caminhos não são os vossos caminhos – oráculo do Senhor.  
 Tanto quanto os céus estão acima da terra,  
 assim os meus caminhos são mais altos que os vossos,  
 e os meus pensamentos acima dos vossos pensamentos.  
 Assim como a chuva e a neve descem dos céus,  
 e não voltam para lá sem ter regado a terra,  
 só depois a ter fecundado e feito germinar  
 para que dê semente ao sementeiro e pão para comer,  
 o mesmo sucede à palavra que sai da minha boca,  
 não voltará para mim vazia,  
 sem ter realizado a minha vontade  
 e sem cumprir a sua missão.

### *Questões para mim e para nós: o dever de se sentar*

### **Uma questão para mim e para nós: o dever de se sentar**

### **...e depois para**



### ***Trocar, procurar, compreender juntos em equipa***

- *No fim do percurso de reflexão cumprido este ano, como preparação para o encontro de Lourdes, uma só questão para reflectir só, em casal e em equipa: Se Cristo nos encontrasse hoje e nos dissesse: “Quem dizem vocês que eu sou?”, qual seria a vossa resposta?*

### **BIBLIOGRAFIA**

Myrrha Lot-Borodine, *Perchè l'uomo diventi Dio*, ed. Qiqaiion.  
 Jean Allemand, *Prier 15 jours avec Henri Caffarel*, Nouvelle Cité, 2002.